

FACULDADE CALAFIORI

ANA PAULA FERREIRA AMORIM

Bullying causas e consequências

2017

FACULDADE CALAFIORI
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

BULLYING CAUSAS E CONSEQUÊNCIAS

Trabalho apresentado a Faculdade Calafiori de São Sebastião do Paraíso - MG, como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciado em Pedagogia.

Área de concentração:

Orientadora: Professora Mestra Edna de Oliveira Fernandes Pereira

Aluna: Ana Paula Ferreira Amorim

SÃO SEBASTIÃO DO PARAÍSO

2017

ANA PAULA FERREIRA AMORIM

BULLYING CAUSAS E CONSEQUÊNCIAS

Trabalho apresentado como requisito parcial para a Conclusão do Curso de Licenciatura em Pedagogia do Curso de Pedagogia da Faculdade Calafiori de São Sebastião do Paraíso-MG.

Comissão Julgadora:

Orientadora – Prof. Mestra Edna de Oliveira Fernandes Pereira

2ª examinador – Prof. Mestre. Cláudio Manoel Person.

3ª examinador – Prof. Mestre Cesar Clemente

Avaliação: _____

São Sebastião do Paraíso, 18 de dezembro de 2017.

Dedico este trabalho a toda minha família por
todo o incentivo e ajuda para que isso fosse possível.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus que me deu forças para continuar e sempre me guardou.

Agradeço a minha família e amigos que me ajudaram e me incentivaram na conquista dos meus objetivos.

Agradeço à professora Mestra Edna de Oliveira Fernandes Pereira pela competência na orientação e pelo conhecimento compartilhado que contribuíram de forma essencial para a conquista desse resultado.

Ninguém nasce feito, é experimentando-nos no mundo que nós nos fazemos.

Paulo Freire.

AMORIM, Ana Paula Ferreira. **Bullying causas e consequências** Trabalho de Conclusão de Curso. Curso de Licenciatura em Pedagogia. Faculdade Calafiori. São Sebastião do Paraíso, 2017.

RESUMO

O presente estudo tem como objetivo realizar um estudo teórico sobre o comportamento agressivo repetitivo denominado bullying que pode ser definido como comportamento agressivo tendo como atores os agressores, vítimas e expectadores. Em um contexto mais amplo a violência escolar tem despertado a atenção de diversas comunidades em todo mundo devido suas manifestações na sociedade mostrados pela mídia, a relação do bullying com a violência é uma questão que tem feito parte de diversas pesquisas em todo mundo acadêmico. A manifestação do comportamento violento repetitivo ou “bullying” são abordados por perspectivas históricas, evolucionistas, geográficas, sociais, comportamentais e outras. A partir de todas essas perspectivas a compreensão deste fenômeno torna-se mais ampla e medidas para minimizar as causas, ocorrências e consequências tornam-se possíveis.

Palavras-Chave: Violência, Escola, Bullying.

AMORIM, Ana Paula Ferreira. *Bullying Causes and Consequences* 2017 42 f. Trabalho de Conclusão de Curso. Faculdade Calafiori. São Sebastião do Paraíso, 2017.

ABSTRACT

The present study aims to carry out a theoretical study on the aggressive repetitive behavior called bullying that can be defined as aggressive behavior with the aggressors, victims and viewers as actors. In a broader context, school violence has attracted the attention of several communities around the world due to its manifestations in society shown by the media, the relationship between bullying and violence is an issue that has been part of several academic studies worldwide. The manifestation of repetitive violent behavior or bullying is approached by historical, evolutionary, geographic, social, behavioral and other perspectives. From all these perspectives, the understanding of this phenomenon becomes broader and measures to minimize the causes, occurrences and consequences become possible.

Keywords: Violence, School, Bullying.

LISTA DE TABELAS

| | | | |
|----------|---|-------------------------------|----|
| Tabela 1 | - | Tipo de Violência física..... | 21 |
| Tabela 2 | - | Papéis no bullying | 32 |

SUMÁRIO

| | |
|--|----|
| Introdução | 13 |
| 1 – Conceito Geral de violência | 15 |
| 1.1 Violência na Escola..... | 18 |
| 2 – Bullying | 23 |
| 2.1 Bullying no ambiente escolar envolvendo crianças e adolescentes..... | 27 |
| 2.2 Bullying e as definições dos papéis..... | 31 |
| 2.3 Bullying e suas causas | 35 |
| 2.4 Bullying e suas Consequências (análise e reflexões) | 39 |
| 3 – Considerações | 42 |
| 3.1 Possíveis Soluções..... | 43 |
| 4 – Referências | 49 |

INTRODUÇÃO

Eu Ana Paula Ferreira Amorim comecei minha trajetória escolar no maternal, que se chamava Turma da Mônica, não me lembro o nome da professora, mas me lembro perfeitamente do perfume suave que ela usava, água fresca, esse cheiro ficou registrado em minha memória. Me referindo a didática da professora no maternal, ela trabalhava com massinhas, lig lig, cantávamos a música marcha soldado e ficávamos marchando em volta da sala fazendo aviãozinho de papel. Na hora do lanche me lembro que tinha uma piscina enorme, porém sem água e juntamente com minhas colegas de classe gostávamos de lanche dentro daquela piscina, eu tinha uma lancheira da Mônica e sempre dividia o lanche com minhas colegas. A escola turma da Monica era uma escola pública mais parecia uma escola particular, era uma escola muito organizada, e os professores tratavam seus alunos com muito carinho.

Depois do maternal fiz a pré-escola em uma instituição chamada Ana Cândida de Figueiredo. Minha professora se chamava Selma, ela era muito querida por seus alunos e seu tom de voz era bem suave. Lembro-me de sempre convidá-la para meus aniversários e ficar muito contente por sua presença sentindo-me até mais importante.

Nas series que foram prosseguindo começaram minha dificuldade com os números, não sabia tabuada a minha mão suava frio, quando ouvia que seria avaliada pela tabuada.

Fazia de tudo para fugir da matemática, pois não gostava de matemática ficava sempre de recuperação até que na oitava série fui reprovada na matéria teorema de Pitágoras e no primeiro ano do ensino médio fiz a Educação de Jovens Adultos, pois acabei atrasando meus estudos. Dificuldade essa que permanece até hoje e tem sido para mim desafios diários, um dos motivos pelos quais optei por estudar pedagogia além de me identificar com humanas e gostar de crianças.

Enfrentei muitas dificuldades tendo que trabalhar desde pequena, pensei em desisti várias vezes, porém era encorajada pelas palavras de minha mãe que, mesmo sendo analfabeta, procurava me motivar a prosseguir.

Tentei alfabetizar minha mãe, mas ela diz que eu não vou ter paciência em ensina-la. Vou continuar tentando, hoje com 31 anos aprendi a ser persistente a não desistir dos meus objetivos, pois inúmeras vezes desisti, esse curso de pedagogia está chegando ao fim, mas posso dizer que foi a melhor escolha que fiz, aprendi coisas que vou levar para toda a vida.

Escolhi o tema O bullying causas e consequências, pois trata-se de um assunto atual, tem muito material de pesquisa e abrange as relações entre os alunos.

A principal preocupação do trabalho será realizar uma pesquisa sobre a origem do bullying, as pesquisas já existentes e possíveis soluções para diminuir este comportamento no ambiente escolar. Para isso será utilizada como metodologia a pesquisa descritiva, que possibilitará levantar informações sobre o tema bullying que pode ser definido como abuso de poder, físico ou psicológico e uma forma de excluir, humilhar, causar sentimento de impotência, raiva e medo, por outra pessoa.

Cenas de violência são parte do cotidiano no século XXI, nos últimos anos foram divulgadas cenas de violência em um ambiente antes tido como seguro, no ambiente escolar, desde então vários estudos tem aparecido na tentativa de explicar ou ao menos entender os motivos deste tipo de comportamento violento.

Neste contexto iniciaremos abordando o conceito geral de violência e seus significados. Como segundo tópico passaremos pelo assunto da violência na escola e suas diversas manifestações após este tema será abordado um assunto que tem sido de maior importância dentro do contexto da violência na escola, um comportamento violento de caráter repetitivo denominado bullying.

Diversos estudos sobre o bullying têm analisado quais as suas definições, de que maneira é praticado, porque é praticado, quem são os agressores, vítimas e expectadores bem como suas características, quais são as consequências causadas pelo bullying e como e até onde elas afetam os indivíduos e suas relações sociais.

Como considerações finais serão apresentadas possíveis soluções partindo de várias perspectivas e metodologias de trabalho para que a escola e seus profissionais tenham ferramentas úteis para a intervenção, tratativa e erradicação do bullying.

1 – CONCEITO GERAL DE VIOLÊNCIA

De acordo com o dicionário Priberam de Língua Portuguesa a palavra violência significa (estado daquilo que é violento, ato violento, ato de violentar, veemência, irascibilidade, abuso de força, tirania, opressão e constrangimento exercido sobre alguma pessoa para obrigá-la a fazer um ato qualquer, coação).

De acordo com ALMEIDA), “a violência tem acompanhado o homem em toda sua história e vem se manifestando de formas e circunstâncias diferentes. O conceito violência pode ter diversos significados dependendo da cultura, momento e condições em que acontecem.”(2005, p.07)

Educar pode ser considerada violência por ordenar e adequar comportamentos do indivíduo fazendo uso de regras e normas procurando instruir cada pessoa, esta que pode ser considerada uma violência desejável pois ajuda no processo de organização do ser e da sociedade, um processo necessário para a convivência em sociedade o que depende de cada cultura e meio ambiente. Morais (1995 p 43, 44 e 45)

Para psicanálise somos dominados por instintos que não temos pleno controle e nem os conhecemos totalmente, são forças que somente são identificadas através de consequências externas e que depois de iniciadas somente serão interrompidas ao alcançar um objetivo.

Por isso, Freud (1915) adotou a expressão *Trieb* (traduzida para pulsão em português) ao referir-se aos instintos humanos e reservou o termo *Instinkt* (instinto) para as outras espécies animais. Ele queria marcar a diferença entre o automatismo dos outros animais e a plasticidade dos humanos.

E ainda diz:

A pulsão é um representante psíquico de um estímulo vindo do corpo. No bebê recém-nascido, as pulsões são energias indefinidas que têm somente o objetivo pré-determinado. Tomemos por exemplo as pulsões da nutrição, cujo objetivo é sempre o alimento. Mas o objeto e o modo de satisfação serão definidos pela história do indivíduo. Enquanto um bebê é saciado pelo leite do seio materno, outro recebe mamadeira de leite em pó, e um terceiro é alimentado com água e alguma farinha que a família tenha à mão. Além disso, o estado emocional de quem alimenta esses bebês também pode variar desde a empatia serena e carinhosa até a desatenção angustiada e agressiva.

Almeida (2010 p.17 e 18)

Freud não concordou pelos menos a princípio com pulsões que tenham objetivo de agressão, mas a primeira grande guerra o fez repensar o assunto, em 1920 Freud acrescentou o conceito de pulsões de morte admitindo a existência de energias voltadas para a destruição que nascem junto com o ser humano e chegou à conclusão de que o ser humano nasce programado e uma parte de sua personalidade busca a morte.

De acordo com Souza (2005, p.17) o desenvolvimento da ciência e da tecnologia vem tornando mais fácil conseguir armamentos cada vez melhores, os ataques ao meio ambiente têm colocado em risco as futuras gerações e os meios de comunicação têm transformado as guerras em cenas do dia a dia apresentado os conflitos como um espetáculo, o que somado ao controle das informações, tem se tornado uma arma poderosa na luta pelo poder.

Uma grande carga de destruição faz com que muitas vezes a pessoa não consiga combater com suas experiências positivas, ela então se sente uma vítima que sofre perseguições e ameaças por parte do outro vendo-o então como inimigo a ser combatido tornando-se desconfiada, vingativa, acusadora, ficando sempre em posição de ataque ou defesa dividindo o mundo entre amigos e inimigos ela então precisará sempre de alguém para ser alvo de sua violência pois não consegue outra maneira para lidar com esses impulsos, fato é que a existência do outro tem se tornado uma ameaça pois não se sabe de onde vem o assalto e o medo, individualismo e egocentrismo tem entregado as pessoas a ódio, fúria e rancor de acordo com Almeida (2010, p.19-20).

Quando a violência se manifesta como delinquência Barros e Júnior (2001 p. 24-25) relatam que devido a atual tardia inclusão dos jovens no mercado de trabalho pela necessidade de maior qualificação profissional, faz com que esses como uma grande parte da sociedade fiquem inativos muitas vezes perdendo a noção de seu papel social e uma vez também a escola deixando de ter o papel exclusivo para conseguir títulos somados a família que deixa de enxergar a educação como necessário bem como deixa de ter uma conduta moral, causando aos jovens uma crise de identidade provocando-os a atos que infrinjam a lei.

O crime, como reforço da solidariedade social, teoria defendida por DURKHEIM, acentua que, embora em caráter excepcional, além da rejeição coletiva do delinquente existem grupos que cultivam os valores de tolerância e generosidade, assim como outros de apoio aos desviante, por estarem em conflito com a ordem institucionalizada. A delinquência pode também reforçar a coesão social através do efeito contraste. Uma vês que a integridade da imagem da honestidade depende da existência do crime, o criminoso presta um serviço ao indivíduo respeitável que se reconforta por estar do lado da lei. Ramos e Junior (2001, p.29)

O crime funciona como sinal para adaptação, afirmação ou manutenção de normas sociais reforçando o discurso de ordem para uma sociedade e pode ser também como um sinal de alerta denunciando a corrupção, falência ou fraude de um sistema, assim mostrando aos responsáveis se tem se investido na prevenção dos crimes tanto como se beneficia com ele. Quando se vive em um ambiente sem regras, as regras que antes regiam a conduta perdem o significado e sua força, o leva a questionar qual a tenção imposta pela sociedade ao indivíduo que o leva a praticar estes atos de violência ou desvio de conduta, como o sistema produz o

crime como resultado normal e esperado, e o que exerce tanta pressão na sociedade para que ela siga condutas de não se conformar ao invés de conformar-se. Barros e Júnior (2001 p. 29-30).

Para Moraes (1995, p.20-22) no mais íntimo do ser humano está a violência e para existir os animais necessitam de um mínimo de agressividade porém não deve nos levar a pensar que é o mesmo que a violência que conhecemos que se diferencia pelo uso da inteligência que faz parte do ser racional dividindo o mundo entre os homens que se alegram em praticar a violência contra o próximo e os homens que cientes de sua natureza violenta passam a lutar para que se diminua o máximo os atos de violência e faz com que o homem lute contra situações de si mesmo.

O selvagem vive na floresta com algumas regras que nem precisam estar escritas, porém os homens que vivem no meio da sociedade estão debaixo de milhares de regras de conduta, ética, compromissos, e estão sujeitos a penas caso descumprir qualquer uma delas, isso faz com que a violência dos que são oprimidos pelas regras seja proporcional ou seja quanto maior a opressão maior será repressão. Devemos entender que mesmo que a violência faça parte do mais íntimo do homem não estamos à mercê e nem marcados para viver um futuro de tragédias pois existem aqueles que lutam contra a manifestação da violência, uma vez que a violência está em todos, no que pratica e no que luta contra, cabe a cada ser humano usar sua consciência o que depende dos valores adquiridos por cada um durante a construção de sua identidade. Moraes (1995, p.23-24).

As ações consideradas como violência estão dentro de uma grande quantidade de comportamentos, porém na maioria das vezes a violência é identificada como agressão e/ou criminalidade e pode-se também ampliar a abrangência do termo violência o que dificulta a diferenciação de categorias, tendo como exemplo os dicionários Aurélio e Marxista, um admitindo formas psicológicas de violência e o outro colocando a violência exclusivamente no meio físico consecutivamente. Lucinda, Nascimento, Candau (1999, p18-19)

A violência é a herança comum a qualquer conjunto civilizacional; uma estrutura constante do fenômeno humano e que tem um papel na vida da sociedade. Para que se entregue à ordem social ela precisa ser ritualizada e não reprimida, negada ou tampouco subestimada. Marra (2007, p.43).

Dentro da sociedade brasileira fatores como política corrupta, má distribuição de renda, pobreza, tráfico de drogas, desemprego são alguns dos fatores pelos quais não se consegue erradicar a violência, porém, somente estes fatores não justificam o fato da violência fazer parte da rotina da sociedade motivo este que se leva a analisar tantos fatores econômicos,

sociais e culturais e também a enxergar a violência por alguns níveis e dimensões diferentes como na área do crime, estrutural e social. Lucinda, Nascimento, Candau (1999, p 20- 22).

André (2013, p.56) diz que a compreensão da violência em sua forma ampla favorece para que seja elaborado conceitos que ajudem a entender a violência em seus diferentes tipos e proporções, partindo deste princípio o autor refere-se a violência citando (MORAIS, 1985; TAILLE, 2000) que definem a violência como uma instituição social, agressão física e psicológica que citando (SOARES, 2000; 2003; SOARES, ATHAYDE e BILL, 2005) fere as pessoas, bem como suas classes ou populações em seu corpo, consciência e emoções, aparecendo através da busca por status e habilidades na cultura e na vida. A Violência é uma ferramenta para alcançar objetivos econômicos ou políticos, também é uma ferramenta para resolver atritos entre empresas, instituições ou pessoas, capaz de se assumir as formas necessárias para cada situação ou lugar, é usada pelos menos e mais poderosos como forma de comunicação e representação. (WIEVIORKA, 1997; PEREIRA; RONDELLI; HOLLHAMMER e HERSCHMANN, 2000). Citados por André (2013, p. 57)

A violência também de acordo com Bourdieu (1996) pode manifestar-se de forma simbólica, que é quando ela é legalizada por leis, relações e instituições, o que a torna quase que invisível, em contrapartida pode se manifestar de forma a ser vista por todos com brutalidade no corpo e mente, chamada de “ultraviolência” essa já não é aceita como merecida pela vítima, a “ultraviolência” mostra defeitos no processo de civilização. André (2013, p. 57). De outra forma de interpretação a violência pode ser definida como violência do poder praticada pelas pessoas, órgãos ou instituições com auto grau de poder e é usada para manutenção da organização através de leis e normas, essa que por sua vez gera a contraviolência, violência usada pelas pessoas com menos poder para manifestar-se diante de um poder que os pressiona levando-os a lugares de menor reconhecimento. O Autor finaliza dizendo que a violência se manifesta de formas diferentes com relação ao período na história pois cada período possui suas diferentes características e sociedade e isso influencia nas formas em que a violência se manifesta.

1.1 VIOLÊNCIA NA ESCOLA

Em se falando sobre violência gostaria de destacar que por fazer parte da sociedade, a escola não ficou imune a violência, muito pelo contrário, observa-se que a escola cada vez mais vem sendo atingida por comportamentos e reflexos violentos da sociedade. Para Abromovay (2003, p.45-46) em pesquisa realizada, a violência têm se manifestado na e contra a escola

através de diversas formas como pela exclusão e discriminação social, o preconceito sofrido pela a escola pública pois muitos de seus alunos são vistos como marginais, mal-educados e despreparados, o que significa que são prejudiciais à sociedade ou acontece a discriminação entre alunos da mesma escola cuja situação econômica de suas famílias é desigual fazendo com que estes reajam com agressividade ou se isolem. Outra manifestação seria (mesmo em silêncio) o preconceito racial que se mostra evidente entre os alunos que se separam entre turnos de estudo, de brancos e não brancos, sendo menos evidente esse fato em escolas privadas por ter um número reduzido de alunos de cor negra isso que também demonstra o racismo estrutural diferenciando o acesso a instituições privadas entre brancos e negros, o preconceito racial não é assumido, porém se torna evidente quando se assume que existe um padrão de beleza loiro de olhos azuis, como é citado em um depoimento de um aluno pela autora:

Eu não gosto de preto mesmo não. Mas, agora, falando sério, a cor da minha raça eu não gosto, não. Não gosto de ficar, catar ou namorar com preta. Não dá para encarar aquela coisa preta na sua frente. Uma coisinha mais branca, dá para andar de mão dada, dá para ir no shopping. Agora eu quero ver você ter moral de levar uma preta num shopping. ... que shopping é para andar com patricinha. Porque eles [os amigos] acham que eu vou no shopping para mostrar a minha namorada. Tem que andar com uma menina presença, não vai dizer que não é, porque é. Para o shopping ou para qualquer lugar, na roda dos amigos”, eu acho assim, que eles vão para roda dos amigos e falam ó, minha namorada como é gostosa, é branca, tem olho azul. Agora, vai mostrar uma morena, negra, do cabelo ruim, na roda dos amigos? Abromovay (2003. P,48).

A sociedade tem construído critérios de beleza e sutilmente divulgado como um padrão a ser seguido e buscado, quando as crianças absorvem essas informações, pois estão em fase de formar o senso crítico, tomam para si como verdade próprias sem muitas vezes saber escolher não aceitar este “preconceito a céu aberto” construindo seu “eu” dentro destas informações manipuladas. De acordo com HAUSHAHN (2007, p.82-86) do ponto de vista de muitos dos educadores não há separação entre o conteúdo destinado ao adulto e à criança, muitos professores tem o ideal de uma criança pura e protegida do mesmo levando em consideração a evolução do mundo atual consideram este novo jeito de ser da criança e do adolescente como anormal por não encaixar em suas ideias pré-estabelecidas mostrando que quando falamos da agressividade na escola, essas atitudes não poderiam vir das crianças e sim da família, mídia e sociedade, sendo assim não podem ser julgadas em certas ou erradas, pois cometem esses atos por não terem referências de bem e mal, certo e errado, em sua grande maioria os professores têm a ideia de que a criança não pode ser de natureza ruim e sim sofre essas influências principalmente da família, pela falta de tempo para cuidar dos filhos, o modo como agem com eles e o exemplo que dão em casa. Os filhos são influenciados pelo ambiente

a que são expostos, o que vai determinar seu comportamento, e sendo considerado resultado de convivência com a família, ou seja, a manifestação de agressividade não sendo propriamente da criança, fica claro em meio ao depoimento dos professores a posição de impotência da escola. A escola ainda continua com a função de desenvolver nas crianças regras de convívio social e esse objetivo na maioria das vezes é difícil de ser alcançado pela forte influência cultural que é muitas vezes mais forte que o próprio sistema de educação, é como se a escola tivesse tomado as responsabilidades que eram dos pais, porém existem algumas características que a escola ainda espera que os pais desenvolvam em seus filhos o que de acordo com muitos dos professores entrevistados resolveria a questão da agressividade dos alunos.

Para VIANA (2017, p. 7) é preciso destacar as diferenças da violência escolar que é aquela gerada pela escola dividida em institucional e contestadora, sendo a primeira causada pela burocracia escolar, ou seja, pelos seus responsáveis e maneiras de administrar a instituição, a segunda é gerada pelos estudantes em consequência ou reação à primeira, resumidamente falando a violência escolar é fruto das relações sociais de dentro da escola, já a violência na escola que pode ser definida por qualquer ato de violência que acontece dentro da escola com exceção da escolar e é resultado das relações sociais de fora da escola, como exemplo quando um aluno entra em conflito com um professor por causa de sua nota, isso se caracteriza violência escolar, já um aluno que invade uma escola e pratica algum crime é violência na escola, valendo lembrar que a violência escolar pode promover o aumento da violência na escola.

VIANA (2007, p.10) relaciona a violência na escola com a violência de uma sociedade capitalista.

Mas este conflito de classes, jogado a si mesmo, geraria a abolição desta sociedade e é para evitar isto que existem instituições, e o Estado assume a posição de principal forma de regularização das relações sociais e busca efetivar um amplo controle social e assim amortecer os conflitos de classes. Porém, este processo de controle se revela como mais uma forma de manifestação da violência, a violência estatal, que cria um conjunto de imposições aos indivíduos, principalmente os pertencentes às classes exploradas, mas atingindo a toda a população em determinados aspectos. Isto, por sua vez, gera novas resistências e lutas.

Com isso o autor procura relacionar a violência escolar e a violência na escola e mostra que quanto mais violenta a sociedade, mais essa violência se manifesta no ambiente escolar.

Dentre as diversas formas de manifestação dessa violência que de acordo com o que já temos pesquisado vem da sociedade na qual a escola está incluída, em muitas das vezes a manifestação mais visível é a violência física e quando falamos de violência física pode-se citar

a violência contra a pessoa, contra a propriedade e contra o patrimônio, a violência contra a pessoa é representada pela tabela a seguir.

Tabela 1 – Tipo de Violência física

| Ameaças | Brigas | Violência sexual | Uso de armas |
|--|--|--|--|
| Falar em provocar danos. | Tida como comportamento usual | Sentimento de que este tipo de comportamento não é levado a sério e não sofre punição. | Aumentam o perigo de homicídios. |
| Promete provocar danos. | A violência mais frequente nas escolas | Inclui-se gestos, exhibições, olhares e piadas. | As armas brancas são facilmente encontradas. |
| Pode acontecer entre alunos, funcionários professores e pais. | É iniciada muitas vezes com brincadeiras entre alunos | É o mais comum cometido de professores para alunos. | Para alguns pais é normal seus filhos tê-las em porte para defesa própria. |
| Tem como motivo notas baixas e falta de disciplina ou punições. | Podendo terminar em tumulto e pancadaria. | Muitas vezes deixam de lado e consideram normal colaborando para que aconteça novamente. | Normalmente os alunos sabem e acobertam quem entra armado nas escolas. |
| Podem não serem cumpridas, porém sempre deixam um clima de insegurança | Normalmente não se chama a polícia ou pais para ajudar a resolver os conflitos | Para alunos a culpa é dada à maneira de se vestir das meninas levando a escola a fiscalizar as roupas. | |
| | | Já entre os professores muitas vezes são aplicadas providencias rigorosas como processos judiciais. | |

Fonte Abromovay (2003, p.54 a 57)

Para Freire, Simão e Ferreira (2006, p.163 e 164) o problema da violência entre os pares parece diminuir no decorrer da vida escolar do adolescente sem generalizar os adolescentes vão vivendo cada vez menos situações de agressão entre eles, com exceção de um

pequeno grupo que vão cada vez mais causando problemas, além disso, as autoras relatam que os adolescentes que foram vítimas de seus pares na vida escolar têm tendência a personalidade inconstante, depressão e baixa autoestima quando comparados à aqueles que não sofreram com esse problema, o que em contrapartida os agressores tem maior possibilidade de praticarem ou se envolver em problemas maiores que afetem literalmente a sociedade, o que mostra que a violência escolar trata-se de um problema social que ultrapassa o ambiente escolar e a vida pessoal de cada adolescente o que tem sido negligenciado por adultos por muitos entenderem ser parte da vida escolar e parte do crescimento do adolescente.

A violência contra a propriedade acontece através de roubos e furtos como relata Abromovay (2003, p.59), em grande parte cometida por pessoas dentro do ambiente escolar, essa forma de violência tem sido menosprezada pelo fato de muitas vezes se tratar de pequenos objetos de valores irrisórios mais uma vez assim omite-se o desrespeito ao próximo e a quebra de princípios éticos, justificando estes atos como sendo coisas da idade. Existem também os roubos mais graves que são cometidas por pessoas de fora da escola que entram no ambiente em horários que a escola está vazia.

A violência contra o patrimônio sem roubo representa uma reação da sociedade contra a escola, sendo assim, é preciso descobrir qual a insatisfação cada ato contra o patrimônio representa que podem ser a necessidade de mostrar-se para o colega, expressar revolta ou deixar sua marca contra alguma insatisfação contra escola, pais, sociedade, governo e etc.

Sobre o conceito de violência na escola temos conhecimento parcial pois existem vários conhecimentos e formas sobre o assunto, ela se manifesta através da violência interpessoal que é conceituada por ação agressiva entre os amigos e equipe escolar. A violência dos alunos acontece através de pichações, xingamentos, vandalismo e agressões físicas. Assis (2010, p.45-46)

Muitos dos problemas enfrentados pela escola se devem à crise da autoridade na sociedade contemporânea, perdendo-se o elo da tradição que assegurava a transmissão de conhecimentos técnicos e, principalmente, dos valores fundantes da vida em sociedade. A perda da autoridade que se iniciou na esfera política afetou a esfera privada, e por essa razão a autoridade foi contestada, em primeiro lugar, na família e na escola. Arendt (1961) citado por Assis (2010, p.57)

Até agora podemos ver como a violência é presente e faz parte do dia a dia da escola e como esse assunto tem assumido importância nas mais diversas pesquisas, nos capítulos seguintes, este trabalho tem como objetivo aprofundar no contexto de violência escolar apresentando informações sobre o bullying que é um tipo de violência também presente neste ambiente.

1 – BULLYING

Para Comodo (2016, p.9) dependendo do país em que o assunto bullying é investigado podem aparecer algumas diferenças em como ele se manifesta e qual a forma prevalece e até dentro de um mesmo país como o Brasil por sua diversidade cultural pode haver diferenças dentre pesquisas, o autor define bullying da seguinte forma:

Esse fenômeno pode ser definido como a apresentação de comportamentos violentos intencionais e recorrentes de um ou mais estudantes com maior poder (físico, social e/ou psicológico) em relação a outro estudante, produzindo consequências negativas para o último. (Comodo, p.19)

Os primeiros atos de bullying aconteceram na Noruega na década de 80 quando três crianças foram vítimas de suicídio e como causa provável os maus tratos sofrido dentro da escola pelos seus pares, nesta época foi constatado que 1 em cada 7 alunos estava envolvido em casos de bullying e o professor Dan Olweus criou um plano para intervir no aumento destes casos, diminuindo com 50% dos casos. Desde então esse modelo vem sendo aplicado nas escolas da Europa e América do Norte envolvendo salas de aula, redes sociais e toda a comunidade. Na mesma década foi abordado esse problema na Inglaterra e fora descoberto um problema de violência generalizado, o que levou o surgimento de ações junto com a comunidade para enfrentar tal ameaça. Na França o bullying não era visto como problema até que a mídia comesse a divulgar os acontecimentos fazendo com que a população e o governo se preocupassem com esse assunto elaborando pesquisas sobre o tema e propondo medidas para tratar a violência. Na Alemanha também surgiram pesquisas sobre a fragilidade da educação e problemas com violência, já na Grécia e Suíça não houve interesse em pesquisas sobre o problema. Na Espanha foram elaboradas pesquisas dentre os alunos para descobrir qual a situação atual da violência dentro da escola e posteriormente foi criado um programa para buscar medidas para enfrentar o problema. Sampaio (2015 apud Martins, 2009; Olweus, 1993; Pereira, 2008; Ristum, 2010; Smith, 2002, 2004)

A palavra bullying até pouco tempo atrás era pouco conhecida do grande público. De origem inglesa, é utilizada para qualificar comportamentos violentos no âmbito escolar, tanto de meninos quanto de meninas, entre esses comportamentos podemos destacar agressões assédios e ações desrespeitosas realizados de maneira recorrente e intencional por parte dos agressores. Silva (2015, p. 2)

Silva (2015, p.3) relata que geralmente não apresentam motivos específicos para praticar tal ação, ou seja, os mais fortes tendem a usar os mais fracos como objetos para se divertir. E essa atitude produz dor e sofrimento nas vítimas, seja por uma questão de desigualdade ou pela circunstância, os praticantes dessas ações são chamados bully, que de

acordo com o dicionário significa indivíduo valentão. Essas crianças quando crescem se tornam cônjuges ou irmãos dominadores e manipuladores e continuam praticando essas ações de violência para com seus pares. No ambiente profissional podem vir a serem profissionais impiedosos. Suas atitudes podem ser definidas como uso indevido do dinheiro público corrupção, imprudência no trânsito abuso de poder, negligencia com os enfermos, no descaso, no prazer de ver o outro sofrer. Pode-se então usar a palavra bullying para explicar todo tipo de comportamento agressivo, cruel ou que seja sem se importar com os sentimentos alheio. Os praticantes de bullying são chamados de bullies e escolhem um alvo que se encontram em desigualdade e que geralmente também apresenta baixa autoestima. Após sofrer a agressão esses problemas podem ser agravados e se tornar transtorno psíquicos e/ou comportamentais como cansaço crônico, insônia, dificuldade de concentração, diarreia, transtorno do pânico, fobia escolar, fobia social e depressão.

Para Azeredo (2015, p.27-28) o bullying tem vários conceitos e pode ser também conceituado como agressão entre pares cuja intenção é machucar ou perturbar o equilíbrio entre pares podendo este ser físico ou psicológico outro termo que é bem utilizado é vitimização de pares, porém na prática não é tão simples e existem alguns tipos de ações que não são rotuladas de bullying como a briga entre dois jovens de mesma força e as formas de provocações amigáveis (que não tem intenção de prejudicar) por não provocar o desequilíbrio de poder entre pares. O bullying pode ser classificado como direto e indireto sendo diretas as agressões físicas e verbais e indiretas a exclusão social e difamação, ele pode ocorrer na família, escola, trabalho ou em qualquer área da sociedade, podendo se manifestar como agressão física, verbal, relacional e cibernética. De acordo com o autor no Brasil a forma do bullying que mais aparece é a verbal, já a agressão física em geral é a que mais é notada vinda juntamente com palavras de provocação à vítima.

Sobre bullying relacional Azeredo escreve:

O *bullying* relacional é uma forma menos típica e mais sutil de agressão que tem a intenção de causar dano, prejudicar as relações da vítima com os outros ou prejudicar a capacidade da vítima em manter uma reputação e relações sociais habituais com seus pares, isso pode significar espalhar boatos e/ou excluir socialmente a vítima. Essa agressão também é chamada de *bullying* psicológico. (2015, p.28)

Azeredo (2015, p.33) citando o ponto de vista da seleção natural diz que o bullying é entendido como atitude do instinto de dominação social o que influencia na formação de outros grupos, necessidades naturais que aparecem na adolescência. Para a teoria genética as características físicas e psicológicas como hormônios e até a frequência dos batimentos do coração influenciam as manifestações desses comportamentos agressivos. Já a teoria

Socioecológica entende que o bullying na escola são influenciados pela sociedade e relacionamentos de cada indivíduo juntamente com suas emoções, cultura e mídia dizendo também que quanto mais o indivíduo se familiariza com o outro, existe menos probabilidade de acontecer estes tipos de comportamentos. Diariamente as crianças e jovens são expostos a todo tipo de violência através dos desenhos, filmes, jogos e eletrônicos isso proporciona mais acesso as informações e aos atos de violência como vinganças, assaltos, homicídios e vandalismos.

Para Olweus (1993) pioneiro nos estudos de bullying, citado por Junior (2016,p.117) a violência entre os alunos pode ser considerada bullying se houver repetição dos atos de violência ao longo do tempo e define como: “ações de intimidação e opressão de um ou mais estudantes contra outros que se encontrem em alguma situação que os inferiorize; essas ações devem se repetir e se manter ao longo do tempo” Junior (2016, p.117), sendo assim são aplicados alguns critérios para o bullying como a intenção de humilhar o outro, a repetição das agressões e a diferença de superar situações, diferenças de força física, auto estima, autoconfiança. A maneira como a vítima enxerga a situação definem a diferença de poder entre o agressor e ela, estes tornam os resultados de pesquisas mais precisos em diferenciar o bullying da violência em si. As pesquisas têm levado em consideração o gênero do indivíduo pois quando menino a violência tende a aumentar principalmente na adolescência devido a falta de empatia e quanto às meninas a violência é menor pela mesma causa, elas tendem a ter mais empatia para com as pessoas, quanto as vítimas independem de gênero. Júnior (2016, p. 126 e 127)

Para Junior os estudos sobre bullying não terão necessariamente um porquê de sua prática, para ele tentar nomear o motivo nada mais é do que fugir da realidade onde as crianças aprendem a agir de acordo com o que observam e tudo o que há neles como escola, família, tv, internet e etc., negar essa possibilidade é buscar na biologia as origens da agressividade deixando de lado o indivíduo social que torna-se humano justamente por assim ser, e faz o ser humano responsável pelo que se é por isso é preciso analisar quais situações que foram por nós construídas para que a o indivíduo se torne ou pratique a agressividade e então construir um ambiente propício à não violência.

“O pesquisador deve então, ir além da aparência imediata e empírica do fenômeno investigado, na busca por sua essência, a fim de se produzir o conhecimento teórico.” (NETTO, 2011) citado por Francisco (2013, p.53), o autor ainda relata que nos acostumamos a viver uma violência diária vinda do sistema ao qual estamos incluídos que esta violência chega a não incomodar mais devido à quantidade atos violentos que recebemos voltados à situação

econômica e social e que estes atos são tidos pelos que são afetados como falta de sorte ou falta de esforço, neste contexto violento em que estamos nos deparamos com este termo “bullying” que tem ganhado importância nos últimos anos, determinado pela perseguição ao outro para causar dano, repetidas vezes e também pela submissão mediante poder da vítima pelo agressor.

Em desacordo com o próximo tema deste trabalho, Fante 2005 citado por Junior (2016, p. 127 e 128) diz que tornar o bullying um fenômeno universal elimina a participação do contexto onde ele acontece por exemplo quando nomeamos bullying no trabalho ou bullying escolar de acordo com o autor estaríamos tornando pobre a compreensão do bullying e aliviando a responsabilidade das instituições em que acontece o bullying não levando em conta os aspectos históricos e sociais de cada uma.

Ainda sobre bullying Faustino, Oliveira e Maher (2008) citados por Silvestre (2013, p.30) dizem que o cyberbullying tem as mesmas consequências do bullying é ainda mais perigoso pelo fato de o agressor muitas vezes ficar anônimo e também porque as informações expostas na mídia atingem um número bem maior de expectadores. O cyberbullying é “apenas” o bullying praticado pela internet ou outra tecnologia sendo assim um meio pela qual as agressões acontecem, o bullying ainda é um problema social. A diferença do cyberbullying é que os insultos, fofocas e o espalhar das intrigas ocorre de um modo muito mais rápido, fazendo que com em pouco tempo as pessoas que conheçam a vítima já estejam sabendo, no ambiente escolar, os responsáveis buscam proibir o acesso a estes meios, mas fora da escola não tem esse controle. Os pais então devem fiscalizar o acesso dos filhos a estes sites, chats ou aplicativos, onde os próprios pais podem descobrir se seus filhos são agressores ou vítimas observando o comportamento deles e então ajudando os a lidar com isso, diz (Oliveira, 2009) citado por Silvestre (2013, p.33).

Lisboa (2009) citado por Rosa (2014, p.46) afirma que bullying é um termo que descreve um conjunto de ações de agressividade que mesmo sem motivo aparente, é intencional e pode ser praticado por mais de um agressor e a sua diferença entre violência é que neste caso a agressão acontece várias vezes e os fatores que reforçam este tipo de agressão são difíceis de ser definidos pois na maioria dos casos não existe relação direta entre a ação do agressor e a maneira como a vítima age.

Para Volk, Camilleri, Dane e Marini (2012) citados por Rosa (2014, p.47) do ponto de vista evolucionista acreditam que os comportamentos do bullying foram determinados pela evolução, ou os nossos antepassados por “necessidade de adaptação” ao ambiente aderiram a novas características para conseguir parceiros que possibilitassem a sua sobrevivência e

reprodução, ou seja hoje em um novo ambiente as pessoas precisam se adaptar e agir de novas maneiras, sobre o assunto o autor diz:

Crianças que praticam bullying podem não ganhar um concurso de popularidade – finalidade esperada no ambiente ancestral – mas elas podem ter ganhos imediatos que, de acordo com a história de vida dela, são altamente reforçadores. (Rosa 2014, p.47)

Sobre o bullying e a relação vítima/agressor na maioria das vezes a vítima possui características que não tem muito valor por determinado grupo, as quais serão estudadas no decorrer do trabalho.

2.1 Bullying no ambiente escolar envolvendo crianças e adolescentes.

No ambiente escolar o bullying é praticado de várias formas como verbal, físico e mental, psicológico e moral, sexual e virtual, este último que tem se destacado nos últimos anos devido ao aumento considerável das redes sociais e aplicativos de mensagens, sendo chamado também de cyber bullying é um tipo de bullying que usa mídias eletrônicas. Pessoas que são cyber bullying podem usar e-mail, mensagem de texto, imagens, páginas da internet, blogs, salas de bate papo e site de relacionamento como facebook. Cyber Bullying e em alguns casos é chamado de assédio cibernético, particularmente se envolver adultos. Muitos dos métodos usados pelos cybers bullying não são diferentes das formas tradicionais de bullying como as violências verbais que ao invés de faladas pessoalmente podem ser enviadas por mensagem de texto ou mensagem de áudio. (Hunter, Nick 2012, p.8)

Quando a violência é banalizada ou não é identificada com a patologia social, corre-se o risco de transformá-la num valor cultural que se pode ser assimilado pela criança e pelo jovem como forma de ser, um modo de autoafirmação. (LEVISK, 1998, p.30)

O termo violência acumula uma grande variedade de sentidos e está presente em termos de cultura e história, ele abrange um significado que inclui pequenas infrações, incivildades e atentados contra a vida, porém é preciso entender que nem toda agressão são demonstração de violência e que nem todos esses atos são para destruir alguém ou alguma coisa como cita (Pereira, 2009, p.6 apud Michaud, 2001).

O bullying sendo uma forma de violência vem ganhando força no espaço escolar por isso é importante ser estudado profundamente e para combatê-lo é preciso conscientização, investimento, compromisso e responsabilidade por parte da escola e da família.

É importante a formação dos professores para que saibam lidar com a violência escolar e que as instituições que formam esses profissionais tenham em mente a importância da

formação prática, para que ao sair das universidades tenham ferramentas para lidar com a violência nas escolas. (Pereira, 2009).

Silva (2015, p.50 apud Lopes Neto 2005) relata que mesmo dizendo serem vítimas de bullying a maioria dos alunos dizem ter em média 10 amigos, nesta pesquisa não se comprova que as vítimas de bullying têm mais dificuldades de se relacionar, de acordo com a pesquisa em ambos os tipos de bullying, as meninas são as mais agredidas e mesmo fazendo parte de uma geração conectada a mínima parte relata sofrer bullying virtual. Os resultados das pesquisas comprovam que as agressões físicas em sua maior parte prevalecem por parte dos meninos e as meninas ficam com as agressões psicológicas como fofocas ou exclusão social, citando Seixas (2009) o autor descreve que esse resultado é porque os meninos desde pequenos por cultura escolhem brincadeiras de maior contato físico já as meninas ficam com as brincadeiras que promovem as conversas e os relacionamentos. Os resultados das pesquisas apontam que os meninos são os que praticam a maior parte das agressões. Com relação ao lugar onde ocorre o bullying quase a metade dos alunos relatou sofrer bullying dentro de sala de aula e não no recreio o que pode estar relacionado muitas vezes aos professores são formados apenas para dar suas matérias e frente aos alunos intimidam e são exageradamente autoritários muitas das vezes frentes aos seus colegas.

Lamas, Freitas e Barbosa (2013, p. 266-269) relatam em sua pesquisa com 443 alunos do ensino fundamental que 18,5 % foram alvos de bullying sendo 13,8% somente vítimas e 4,7% vítimas agressoras e o restante foi considerado sem envolvimento direto com as agressões, os resultados ainda mostram que no quinto ano tem o maior número de vítimas e o sétimo ano tem o maior número de agressores, as agressões acontecem mais nas salas de aula, seguidos por recreio, outros lugares, escadas e corredores consecutivamente e é possível que no decorrer dos anos letivos as agressões neste ambiente só aumentem, o recreio tem maior concentração de agressões entre o quarto e oitavo ano, já no quarto ano os outros lugares são mais citados como locais de agressão como aulas de educação física, saídas da escola e rua. Nesta pesquisa das possíveis formas de agressão a verbal foi a mais citada como 26,7 % disseram ter sido alvo de apelidos, 18,4% disseram que os agressores começaram a falar pelas suas costas, 11,2% alegaram que os colegas pararam de conversar com eles, 6,3% foram ofendidos pela cor/raça e 0,5% alegaram que foi espalhado mensagens por telefone ou internet para prejudicá-los, as agressões verbais aparece em 60% dos casos e as agressões físicas aparecem principalmente nos primeiros anos e vão acabando no decorrer das séries até acabar no sexto anos, outra análise importante foi o fato de 14% das vítimas não informaram o acontecido para ninguém e essa frequência vai diminuindo, ou seja, cada vez mais as vítimas vão deixando de ficar quietas

mesmo que também diminua a atitude contar para familiares ou professores. Com o decorrer dos anos os alunos alegam cada vez mais que os professores interferem menos no bullying, mostrando a tendência de menos interferência dos professores.

Em pesquisa com adolescentes de 10 a 14 anos Oliveira (2012, p.76-79) relata que muitas vezes os alunos se defendem, negando o próprio sofrimento para poder continuar na escola, sendo os meninos que mostraram mais mecanismos de defesa confirmando a expectativa de nossa sociedade sobre o homem, se sempre ser forte e não mostrar sinais de fraqueza, algumas crianças não se defendem por não saber como e então sofrem caladas, outros tentam se defender mesmo que sem sucesso muitas vezes até provocando seus agressores, em outros pode se perceber uma falta de suporte familiar dificultando a busca de ajuda, tornando os mais fragilizados.

Francisco e Limbório (2009, p.202 a 204) também relatam em sua pesquisa que não houve diferenças quantitativas de agressões entre escolas da periferia e escolas de melhor localização sendo nas 5ª séries 17% e 12,8% e nas 8ª séries 14,9% e 15,4% respectivamente, os autores também encontraram evidências de que na 5ª série o bullying se manifesta mais como agressões físicas, já nas 8ª séries prevalecem as agressões verbais e provocações, 23% dos alunos disseram ter sido alvos de agressão, dentro das 5ª séries o local mais indicado pelos alunos onde sofreram bullying foi o recreio com números de 30 a 40%, já nas 8ª séries os alunos apontam as salas de aula como local das agressões, de 20 a 30%, sobre o gênero dos praticantes das 5ª séries fica claro que os meninos são os que mais cometem agressões dentre eles e com as meninas, somente dentre as meninas houve citação de meninas praticando alguma agressão bem como também nas 8ª séries com a diferença e ausência de agressões por parte das meninas. Quanto ao sentimento gerado pelas agressões os alunos mais jovens tendem a responder “eu me senti triste” ou eu me senti mal” já os mais velhos se preocupam mais sobre o que os outros vão pensar deles, esses dados de acordo com os autores não sofrem influência da localização da escola. Dos alunos das 5ª séries em torno de 24% disseram se defender sem diferenças entre as escolas da periferia e central, não é especificado pelo autor mas nas respostas “pedi ajuda a um adulto” houve sim diferença entre a localização das escolas, nas 8ª séries 26 % disseram ignorar as agressões o que faz notar um comportamento mais de se defender nas 5ª séries e mais de deixar prá-la nas 8ª séries.

Quanto às possíveis soluções questionadas aos alunos da região periférica. 16,7% disseram que o ideal seria falar com os diretores, pais ou polícia, 11,30% disseram que a expulsão seria o ideal e 6,60% disseram que a escola deveria ter mais atenção com os casos de agressão, já na escola de região central 30,60% disseram que o correto seria expulsar os alunos,

10,7% não sabem o que fazer e 5,8% disseram que castigar os alunos seria bom mostrando que no caso da região central os alunos não possuem um relacionamento com os outros fora da sala de aula ao contrário dos alunos da escola de periferia, podemos ver que muitos alunos por estarem em construção de seus recursos de defesa, não souberam dizer algo para resolver os casos de violência, motivo esse que é necessário mais conhecimento sobre o assunto dentro do meio acadêmico visto que em muitos casos os alunos foram procurar ajuda com os profissionais da escola e não obtendo, não conseguem enxergar nenhuma solução para seu caso.

Para Coll (2010, p.41-46) em pesquisa com 1020 alunos do ensino fundamental ficou provado a relação que os agressores praticantes de bullying tem com o consumo de álcool e drogas, em seu relato o autor diz que 38,8 % dos adolescentes fizeram uso de álcool pelo menos uma vez no ano anterior à pesquisa, desses 8,9% bebe com frequência e 2,1 % dos entrevistados usaram drogas, mas especificamente a maconha, neste mesmo período, 13% dos que usaram drogas eram muito violentos e 0,9% dos não usuários eram muitos violentos. Os praticantes e bullying tem três vezes mais chances de se envolverem com o consumo de álcool o autor mostra assim a relação drogas e bullying seguidos pelos agressores/vítimas e as vítimas que tem menos chance de se envolver com o álcool.

Silva (2011, p. 20 a 22) em sua pesquisa no ensino fundamental sai que em sua grande maioria os alunos agressores também são vítimas e muitas vezes a agressão não é para agredir os colegas e sim uma forma de manifestar a insatisfação de não ser aceito por um determinado grupo ou sociedade, o relato mostra que as agressões contra o mesmo aluno era isolada e não repetitiva, podendo perder a característica de bullying, pois apenas 8,7% alegaram ser alvo de violência mais do que três vezes o que pode ser de acordo com a autora resultado de medidas implantadas pela escola, porém a mesma não deixa de lado o resultado de 56% dos entrevistados serem caracterizados vítimas, 82% observadores e 38,5% agressores ficando em primeiro lugar a agressão verbal como a mais citada pelos alunos.

Rolim (2008, p.90-93) relata um questionário feito a 14 professores dos últimos anos do ensino fundamental que 60% não sofreu no último ano nenhuma violência pelos alunos, os que disseram ter sofrido alguma violência em grande maioria alegaram ter sido provocado com ofensas pelos alunos, 40%, e 30% diz ter sido ofendido pelos alunos, nenhum deixou de ir à escola por esses motivos, 64% dizem conhecer um professor que já foi vítima de agressão, 60% deles disseram que consideram a escola um local seguro e 40% disseram que é segura mais não muito, 60% dos professores dizem que na maioria das vezes os alunos não tem disciplina em sala de aula, 64,2% disseram que a diretoria quando fica sabendo da violência pune os culpados e 90% dos professores dizem que os pais não participam da escola com seus filhos

Na pesquisa de Francisco (2017, p.68) o autor encontrou perseguições nos adolescentes, por serem de uma religião diferente dos demais, por serem muito magros, por terem peso acima da média, por ser pobre e por ser muito aplicados às tarefas escolares, neste ponto é dito que a violência não nasce na prática do ato de agressão, ela vem de um problema maior e as medidas para resolver dependem também de fatos maiores como transformação social e cultural na escola e fora dela. É preciso entender o bullying de forma ampla, como um fenômeno social e cultural e que no ponto de vista “histórico-cultural” além desta compreensão também podemos encontrar a solução do problema.

2.2 Bullying e as definições dos papéis:

Para RISTUM (2010, p.102) Alguns estudos fazem distinção dos ‘alunos-alvos’ entre vítimas passivas e vítimas provocadoras. As vítimas passivas, em geral, não reagem às intimidações e tampouco pedem ajuda aos professores, aos pais e nem mesmo aos colegas. Tendem a fugir, a apresentar medo, a chorar (especialmente os mais jovens) ou a se submeter à situação (por exemplo, entregando a merenda ou o dinheiro). Essa atitude fortalece o comportamento dos agressores que voltam a praticar o bullying com os mesmos alvos.

De acordo com RISTUM (2010, p.102-104) as vítimas passivas são tímidas tem dificuldades de demonstrar suas ideias com clareza e em estabelecer um bom relacionamento com os colegas, e ainda de acordo com os estudos as vítimas provocadoras têm como características ser irritável, agitadas e agressivas. Demonstrem dificuldades de controlar suas emoções e seu comportamento reagindo com brigas e excesso de raiva. Existem também aquelas vítimas agressoras que sofrem bullying de agressores mais poderosos e então esses procuram vítimas mais frágeis do que eles e praticam bullying, passando de vítima a agressor.

Os autores do bullying diferentemente das vítimas demonstram autoconfiança, não aceitam ser contrariados, são populares e normalmente não vivem isolados, pois contam com aqueles que apoiam seu comportamento. Os apoiadores ou testemunhas não chegam a ser diretamente envolvidos com o bullying, mas acabam sendo testemunhas passivas ou ativas que se calam e se omitem diante das agressões por medo de se tornar vítima, por achar que não é de sua conta o que está acontecendo ou aplaudem e apoiam os agressores se tornando a plateia o que fortalece o bullying, e em outros casos procuram ajudar as vítimas fazendo com que os professores ou pais tomem conhecimentos dos fatos.

Todos esses papéis são importantes na montagem do cenário do bullying, pois como esse se trata de um fenômeno relacional, não dá para entender o acontecido estudando um separado do outro. Silva (2015, p.16) define os seguintes papéis:

Vítima típica - geralmente é aquele indivíduo que se mostra frágil fisicamente, não se defende e possui pouca habilidade de socialização. Geralmente são pessoas gordas, baixas ou alta demais, que usam óculos ou com alguma deficiência; Vítima provocadora - sem perceber ela provoca situações que acabam se revertendo contra si; Vítima agressora - reproduz os maus-tratos com forma de compensação Agressor - possui traços de desrespeito e maldade, age em grupo ou sozinho, impõe liderança para levar vantagens; Diferentemente de Fante (2011), Silva (2010) agrega o personagem espectador em três grupos distintos sendo: Espectador neutro - testemunha os episódios, porém demonstra não ligar para o que está acontecendo e até mesmo omite socorro; Espectador ativo - ri dos ataques e humilhações das vítimas, não participa ativamente mas pode estar envolvido em alguns ataques e Espectador passivo - aquele que presencia a ação de violência mas não interfere por medo de ser a próxima vítima.

Tabela 2 – Papéis no bullying

| Vítimas | Agressores | Testemunhas |
|---|--|--|
| Geralmente sofrem bullying | Promovem a violência | Participam indiretamente |
| Acreditam merecer o bullying | Apresentam insegurança | Se calam por medo ou indiferença |
| Autoestima prejudicada | Sofrem/sofreram violência | Em muitas vezes ajudam a aumentar os casos |
| Perseguidos sem causa | Escondem sua fragilidade | Não interferem nas agressões |
| Expostos a constrangimentos e discriminação | Podem se envolver com crimes, quando adultos | |
| Podem sofrer humilhação | | |

Fonte: Sampaio (2015, p.35 a 36)

Sampaio relata que independente do grau de participação, isso pode gerar consequências imediatas ou no decorrer da vida da criança, tais como: distúrbios de sono, baixa autoestima, mau desenvolvimento educacional e pode vir a contribuir para manifestação de um comportamento de agressão inclusive na vida adulta, por isso não se pode afirmar que esse comportamento está ligado à idade do aluno. (2015, p.36)

Neto (2005, p 6-7) escreve que as vítimas geralmente não conseguem reagir às agressões por falta de habilidade e com a permanência da agressão essas faltas vão se agravando bem como seus efeitos, elas são normalmente escolhidas por alguma característica que a torne diferente do grupo fazendo que seja rejeitada e agredida. Alguns tratamentos que recebem de sua família podem facilitar o bullying contra as crianças ou adolescentes como quando a família protege demais, o que pode gerar dificuldade de enfrentar desafios e de se defender, tratar com excesso como criança tornando a dependente emocionalmente, o que pode não ser aceito pelos seus pares e outro tratamento familiar prejudicial é o de ser excessivamente criticado e

responsabilizado pelos descontentamentos dos pais, nestes casos as vítimas não irão revelar o bullying a não ser que se sintam valorizados, respeitados e seguros.

Para Neto, uma família desestruturada, falta de afeto, permissividade, maus-tratos físicos ou emocionais, distúrbios de comportamento, hiperatividade são fatores familiares e individuais que contribuem para a agressividade nas crianças. Os bullies são facilmente reconhecidos, são agressivos com os adultos, tem opiniões positivas sobre ele mesmo, acha que ser agressivo é uma qualidade, são mais fortes que seus alvos e com mais facilidade abandonam a escola, essas possibilidades são maiores em adolescentes que tem comportamento antissocial na passagem criança para adolescente. (2005, p. 7)

Sobre as testemunhas do bullying Neto (2005, p.8) descreve que grande parte deseja que os professores intervenham nas ações do bullying e cerca de 80% não aprovam o bullying, porém muitos desses acabam acreditando que os atos de agressão são as melhores formas de conseguir poder e popularidade, vindo a ser um bully.

Quando as testemunhas interferem e tentam cessar o *bullying*, essas ações são efetivas na maioria dos casos. Portanto, é importante incentivar o uso desse poder advindo do grupo, fazendo com que os autores se sintam sem o apoio social necessário. (Neto 2005, p.8)

Neto (2005, p. 5) relata que aproximadamente 20% dos bullies também são vítimas de bullying, essa combinação revela crianças que precisam de mais atenção, pois utilizam do bullying para esconder suas limitações e buscam humilhar os colegas para isso, o que fazem estes diferentes das vítimas são os fatos de serem rejeitados e serem impopulares sendo assim é bem mais propenso a pensamentos suicidas, depressão e problemas psiquiátricos.

Para Neto, uma família desestruturada, falta de afeto, permissividade, maus-tratos físicos ou emocionais, distúrbios de comportamento, hiperatividade e agressão são fatores familiares e individuais que contribuem para a agressividade nas crianças. Os bullies são facilmente reconhecidos, são agressivos com os adultos, tem opiniões positivas sobre ele mesmo, acha que ser agressivo é uma qualidade, são mais fortes que seus alvos e com mais facilidade abandonam a escola, essas possibilidades são maiores em adolescentes que tem comportamento antissocial na passagem criança para adolescente. (2005, p. 7)

Sobre as testemunhas do bullying Neto (2005, p.8) descreve que grande parte deseja que os professores intervenham nas ações do bullying e cerca de 80% não aprovam o bullying, muitos desses acabam acreditando que os atos de agressão são as melhores formas de conseguir poder e popularidade, vindo a ser um bully.

Quando as testemunhas interferem e tentam cessar o bullying, essas ações são efetivas na maioria dos casos. Portanto, é importante incentivar o uso desse poder advindo do grupo, fazendo com que os autores se sintam sem o apoio social necessário. (Neto 2005, p.8)

Aproximadamente 20% dos bulllys também são vítimas de bullying, essa combinação revela crianças que precisam de mais atenção, pois utilizam do bullying para esconder suas limitações e buscam humilhar os colegas para isso, o que faz com que estes diferentes das vítimas são os fatos de serem rejeitados e serem impopulares sendo assim são bem mais propensos a pensamentos suicidas, depressão e problemas psiquiátricos.

Para Frick (2016, p.39) sobre os agressores do bullying normalmente é falado que agem por impulso sem pensar o que a vítima irá sentir, os agressores são populares em seu grupo de amigos e são desconsiderados pelo restante da turma e professores porém como relatam (Del Barrio; Gutiérrez; Barrios; Van Der Meulen; Granizo, 2005) citados pelo autor, muitas vezes o agressor sabe qual sentimento irá causar em suas vítimas, ou seja, eles conhecem as emoções que causa na vítima, faltando ter compaixão de suas vítimas, muitas vezes esses agressores são inteligentes ao ponto de não perder sua popularidade em consequência da violência por ele praticada, muitas vezes por terem ótimos resultados em outras disciplinas ou por serem amigos dos professores, acabam sendo perdoados pelos professores sentindo-se apoiados por eles. Os Agressores acabam escolhendo suas vítimas por suas características diferentes como sobrepeso, usar óculos, não ter amigos ou qualquer outra característica diferente.

É importante abordar o bullying da perspectiva das vítimas que muitas vezes por suas características se colocam em situações favoráveis às agressões, e muitas vezes se tornam vítimas por aceitarem a imagem inferior que lhe é imposta pelo agressor e para a tratativa do bullying é necessário que as vítimas saibam seu devido valor e que não são menos por terem alguma característica diferente. Para o autor quando falamos de bullying entre alunos da escola, muitos pesquisadores tem dado atenção também ao espectador das agressões, uma vez que o intuito das agressões é muitas vezes alcançar algum status social, essa característica pertence a um grupo onde valorizam o status e se não houvesse os que assistem ou prestigiam não haveria o ator em sua cena, Samivalli e Peets (2010) CITADOS pelo autor relatam que esses espectadores não ajudam por medo de ser a próxima vítima ou por não saber como e poderiam também perder o status social perante o grupo, o fato de muitas vezes saber das ações de violência e não fazer nada mostra a falta de empatia com o próximo que é a capacidade de se colocar no lugar do outro e compartilhar do mesmo sentimento que por consequência gera a ação de ajudar ou defender. Frick (2016, p.40 a 42)

Os espectadores podem ser movidos a prestar socorro de alguma forma por diversos fatores como as mensagens passadas pela escola, família, classe, professores sobre a forma com que a violência é vista, sua posição social que lhe dá segurança de que não será uma vítima e até a expectativa que seu grupo tem sobre ele, pode levá-lo a ajudar ou ignorar as vítimas. Se os espectadores passarem a não aceitar esse tipo de comportamento violento o autor tende a não praticar por não ter mais o reconhecimento do grupo. Frick (2016, p.43 e 44)

2.3 Bullying e suas Causas.

As causas do bullying não foram identificadas na maioria, com 51,2% (IC95% 48,6-53,7%); seguidas de questões relacionadas à imagem ou aparência corporal, 18,6% (IC95% 16,5-21); aparência do rosto, 16,2% (15,4%-17,1%); raça ou cor, 6,8% (IC95% 6,4-7,3); orientação sexual, 2,9% (IC95% 2,5-3,5); religião, 2,5% (IC95% 1,9-3,2); e região de origem, 1,7% (IC95% 1,5-2). As frequências são semelhantes entre quem relata sempre sofrer bullying e quem relata bullying na maioria das vezes, nos últimos 30 dias, exceto raça/cor que aumenta entre os que declararam sempre sofrer bullying. Em alunos que relatam sofrer bullying em função da aparência do corpo, foram realizados cruzamentos com a variável imagem corporal, apontando aumento das frequências de bullying entre os que se sentem muito gordos e muito magros, para 19,2% (IC95% 15,1-24) e 12,1% (IC95% 10,4-14,0), respectivamente

Verificou-se que quase um quinto dos alunos disseram sofrer bullying por motivo de sua aparência corporal, seguido da aparência do seu rosto. Um estudo com 1.230 alunos em uma cidade do Rio Grande do Sul apontou 30,1% acima do peso e com obesidade e esses alunos quando insatisfeitos com a imagem do seu corpo têm três vezes mais chances de ser vítima do bullying, pode-se interpretar esses dados como reflexo do que se é valorizado na sociedade e sua cultura, ou seja, padrões de beleza impostos pela sociedade sem tolerância a diversidades.

De acordo com suas pesquisas, Azevedo relata alguns fatos sobre a prática do bullying nas escolas que podem influenciar como que os meninos se envolvem mais com o bullying verbal e físico, as meninas com o bullying relacional (o que pode ter relação às meninas não aceitarem tanto a agressividade), que o bullying físico vai diminuindo com o aumento da idade e aumentando com a diferença do peso e imagem do corpo. Outros fatores como a classe econômica e uso de álcool e tabaco podem ser fatores para a prática do bullying. (2015, p. 34-37)

Não podemos ignorar as particularidades de cada indivíduo onde fica claro que a indicação de nenhuma escolaridade materna aumenta a chance do aluno se tornar vítima e mais ainda, a literatura científica considera que esta variável prediz o sucesso ou fracasso dos alunos. Outras variáveis como orientação sexual, religião e origem não tiveram tanta relevância porem

são de grande importância para análise do bullying buscando compreender a diversidade dos casos. E pode-se perceber que:

O bullying é uma experiência muito comum na vida do estudante brasileiro e uma problemática pertencente ao domínio da área da saúde, uma vez que congrega determinantes do processo saúde-doença- cuidado de crianças e adolescentes em idade escolar. ” OLIVEIRA, SILVA, MELLO, PORTO, YOSHINAGA, MALTA (2015. P.7)

Para Beaudoin e Taylor (2006, p.31-43) as atividades que a escola oferece podem favorecer o bullying como por exemplo as competições entre os alunos sugeridas muitas vezes com intenção de entusiasmar a turma para fazer as atividades com frases do tipo “aqueles que resolverem o problema de matemática levantem das cadeiras”, podem promover pensamento individualista, o fim justifica os meios, cooperar não é bom, quem sou é movido por conquistas e os outros são vistos como competidores, as competições para aqueles que têm problemas são usadas para provar a si mesmos que acreditam em si mesmos ou que são perdedores, pensando assim vemos que existe muito mais em jogo do que uma simples competição. Se analisarmos apenas o indivíduo sem levar em conta todo o contexto para entender quem tinha o poder de agir, podemos chegar à conclusão de que o praticante do bullying ou agressor fez a escolha de praticar tal ação, porém uma visão ampla mostra que a escolha do garoto de empurrar o outro vem da experiência de vida na comunidade, com os pais, avós, programas de tv, jogos, talvez para esse menino empurrar o outro é mostrar a seu pai o quanto ele é forte, mostrando assim que o bullying é a ponta do iceberg de uma cultura de valores absorvidos pelo garoto fazendo-o um participante de um cenário e não um ator solo.

Beaudoin e Taylor relatam que muitas vezes para o observador pode parecer uma escolha do indivíduo, porém para o aluno não havia escolha a ser feita e a agressão foi apenas uma reação à determinada situação e o método que veio à sua mente foi só aquele resultando na agressão, isso por sua vez não pode ser considerada uma escolha, pois não havia outras opções para o aluno agressor, não excluindo dele alguma responsabilidade mas mostrando que medidas mais eficazes podem ser tomadas quando leva- sem em conta o contexto ao qual o aluno faz parte como fazendo com que esses alunos se auto analisem entrando em um processo de estabelecer outras possíveis ações a serem tomadas dentro do contexto de suas vidas.

Para Fleischhauer (2013, p.18-20) o fato da sociedade dividir as pessoas por características, classe social, faixa etária e qualquer outro tipo de divisão cria certos conceitos e esperanças a respeito do comportamento ou qualidades das pessoas, abre possibilidade para caso tenha as qualidades ou comportamento esperado para a exclusão ou uma avaliação negativa vinda do grupo, a autora citando Goffman (1988) diz que existem três tipos de características que levam à desaprovação da sociedade como quando a pessoa é vista pelo que

falta a ela(deficiência), pelo seu caráter e por sua religião, raça e idade, esses padrões estabelecidos fazem aparecer o preconceito. Nos casos das crianças e adolescentes ao tentar encaixar todos à esses determinados padrões gera conflitos com os adultos e com seus pares ao tentar encaixa-los de qualquer forma aos padrões fazem o uso do bullying e suas diversas aplicações para conseguir seu objetivo.

Olweus(1980) citado por Fleischhauer (2013,p. 44 a 46) relata em pesquisa com meninos, que alguns fatores familiares como, se a mãe demonstra ou não afeto ou envolvimento nos primeiros anos da criança, se são impostos limites para a criança ou seja problemas com permissividade e também quando existe agressão e explosões emocionais como método de correção ou seja ficou comprovado pela autora que falta de afeto, falta de limites e instabilidade emocional, brigas e discussões na frente da criança prejudicam a criança e colaboram para o envolvimento com violência. Quando adolescentes é ideal também que os pais fiscalizem o que os filhos fazem quando estão com seus amigos pois comportamentos violentos são mais fáceis de acontecer sem o acompanhamento dos pais, citando Calhau (2010) a autora ainda relata que existem crianças agressivas e não agressivas de quantidade igual em famílias de baixa renda e em famílias de maior renda sendo assim não se pode afirmar que a criança é agressiva devido à sua classe social pois os fatores citados são referentes à criação independente da classe social. A família se torna responsável pela conduta das crianças pois elas levam para a vida os modelos que tem em casa, quando faltam a ética, a moral e a presença da própria família isso pode gerar ou deixar a criança vulnerável a sofrer violência, fazendo com que ao formarem as turmas na escola, a criança sem modelo de caráter de casa tende a preencher essa falta imitando os outros do grupo.

Para Floria (2015, p.15-18) em pesquisa sobre a perspectiva dos pais no que poderia motivar o bullying, eles relatam que a falta de autoridade de professores e funcionários da escola proporciona excesso de liberdade e impunidade aos agressores, a falta de cuidado e pais que negligenciam a educação dos filhos também colaboram para o surgimento do bullying e muitas vezes as crianças praticam agressão para tentar chamar a atenção de seus pais, colegas e professores. A Autora cita Compton et al.(2014) que em pesquisa relata que os pais dizem que o bullying acontece de forma verbal, física, e psicológica, onde a criança pratica violência pois vê diferenças nas vítimas como raça, peso, orientação sexual ou habilidades, estes também falam sobre o cyberbullying que é escolhido por ser uma forma onde ninguém irá ficar sabendo e haverá menos possibilidade de punições.

Lisboa(2005, p.50 a 57) em pesquisa aponta que quando a criança já é agressiva, fica mais isolada ela tem mais chances se envolver no processo chamado pela autora de

vitimização e por outro lado crianças que tem mais amizades e vão melhor na escola tem menos chances de fazer vítima no bullying, as pesquisas sugerem que quanto mais relacionamentos de amizades a criança tiver e quanto melhor for nos resultados da escola elas tem menos chances do que as crianças agressivas e isoladas, esses últimos que quando presentes juntos na mesma criança mostram forte chance da criança fazer suas vítimas no bullying, também foi levado em consideração e comprovado que quanto mais popular a criança for suas chances de serem vítimas de bullying diminuem, bem como crianças populares com amigos agressivos correm mais riscos de serem vitimadas do que crianças agressivas com amigos populares. Almeida (2000) citado por Lisboa (2005, p. 74) diz que a relação entre os pares se torna importante devido ao contexto em que vivemos onde os pais trabalham cada vez mais e deixam cada vez mais cedo seus filhos nas escolas e creches, sendo assim as crianças passam a interagir com seus pares muito mais cedo, processo este que colabora para a construção da autoimagem da criança.

Para Lisboa (2008, p.74-77) A identidade dos grupos tem um papel importante na formação das crianças e adolescentes, e para crianças com comportamento diferente como agressividade fica difícil fazer parte destes grupos uma vez que não conseguem seguir os padrões que tendem a ter os participantes de um mesmo grupo, fazendo que elas se isolem ou sejam isoladas pelo grupo, aparecendo aqui a exclusão social. Para os meninos o bullying é questão se prevalecer sobre o outro ou demonstração de poder, já para as meninas tem a ver com suas relações sociais e manipulação dependendo do contexto em que está ela pode assumir o papel ou não de agressora, fato esse que fez com que muitas vezes as agressões causadas pelas meninas não fossem tidas com agressão pois se procurava agressões físicas e aparentes então mostrando os meninos como maiores agressores, atualmente busca-se analisar o bullying em suas mais diversas formas de manifestação evitando assim o preconceito com meninos ou meninas e o comprometimento do resultado das pesquisas.

Frick (2016, p.45) diz que é preciso cuidado ao determinar perfis de agressores e vítimas sem considerar o quão complexo são as relações entre as crianças e adolescentes bem como os fatores que influenciam cada comportamento, até quando falamos sobre a busca de status, essa necessidade está relacionada ao grupo e não exclusivamente ao indivíduo, podendo ser esse o motivo de o bullying acontecer mais na adolescência onde o status perante os expectadores é muito importante levando a violência como forma de firmar o poder dos agressores dentro o grupo, que de acordo com Olweus (1998) citado por Frick (2016, p. 46) é uma característica de indivíduos inseguros que necessitam do reconhecimento dos outros para sentir que pertencem a um grupo. Ainda citando Olweus (1998), no que diz respeito ao porque

os expectadores não ajudam as vítimas diz: “quando várias pessoas participam de uma ação, o sentimento de culpa ou de responsabilização pela ação pode quase diluir-se totalmente.” Frick (2016, p. 46)

2.4 – Análise e reflexões, bullying e suas consequências

A consequência do bullying na infância e adolescência está inteiramente ligada às alterações de comportamentos mostrados pela criança e pode sinalizar aos pais que seus filhos vêm sendo vítimas de bullying e essas consequências acontecem durante o sofrimento da criança e vai piorando ao longo do tempo em que o bullying se agrava. É preciso entender que em idade escolar a criança ainda está se desenvolvendo e precisa das relações sociais e também está formando sua personalidade e a ideia que ela tem de si mesma. Quando as primeiras relações humanas e sociais de uma criança são fragilizadas, suas próximas relações vão ser vistas com receio ou desconfiança. Quando a criança é excluída e isolada a visão que ela vai criar de si mesma é de uma pessoa indesejada o que causa alterações diretas em sua auto percepção, auto estima e capacidade de interação.

Crianças e adolescentes com dificuldade de relacionamento e autoestima costumam externar seus sentimentos e emoções através da somatização. A somatização, em palavras simples, é a transformação da dor emocional em dor física. Dessa forma surgem sintomas físicos cuja origem não consegue ser explicada pela medicina, visto que os sintomas apresentados possuem relação com pensamentos disfuncionais e emoções dolorosas difíceis de administrar. (Borges 2015, p.115)

As crianças denominadas agressores necessitam ser o centro das atenções e acham que todos devem realizar suas vontades e sente-se recompensados por obterem poder, status ou objetos materiais sentindo prazer de estar no papel de agressores mesmo que inconsciente e ao longo prazo as consequências podem ser graves onde os mesmos podem estar envolvidos em situações de violência, delinquências ou outros crimes. O agressor ainda demonstra três características predominantes: grande necessidade de poder, hostilidade, e satisfazer-se causando ferimentos e sofrimentos aos outros. Como consequências criam dificuldade em respeitar a lei, inserir-se na sociedade, problema de relacionamento afetivo e social e dificuldade de se controlar. (Barros, Carvalho e Pereira, p.7 citando Olweus 1993)

Azeredo relata que crianças que sofrem bullying aos 10 anos de idade tem possibilidade de depressão aos 11 anos, vítimas de bullying têm maior probabilidade de suicídio e roubos, estão mais propensos a baixo rendimento acadêmico, consumo de álcool, falta às aulas e insegurança. Os que cometem também sofrem consequências como propensão ao fumo, ansiedade, depressão e doenças crônicas e tem muito mais chances de se envolverem em crimes,

cerca de 2,5 mais do que as vítimas de bullying. Como estamos vendo, tanto a criança que sofre ou a que pratica bullying geram custos para seus familiares por poderem desenvolver doenças e adquirir sequelas fazendo uso de serviços de saúde mental e outros serviços especiais. Os comportamentos agressivos do bullying começam na adolescência e continuam para o resto da vida, motivo este que deve existir estratégias para combatê-lo como problema de saúde mundial. (2015, p.44-47).

De acordo com Lopes Neto e Saavedra (2003) citados por Souza e Botelho (2007, p. 64-65) os alvos do bullying ficam estressados, passam a não se aceitar e tem baixa autoestima, podendo desenvolver doenças psicossomáticas, podem dizer que estão doentes para não ir à escola, mudam de escola com frequência ou abandonam a escola e podem crescer com os mesmos problemas e ter dificuldades no ambiente de trabalho, os autores podem vir a adotar esse comportamento de violência inclusive quando adultos praticando crimes e outros delitos, tem grande chance de potencializar seus problemas sociais, por último as testemunhas por sentirem que seu ambiente para aprender é inseguro podem sofrer com dificuldades de se desenvolver nos estudos e na sociedade.

Para Fleischhauer (2013, p. 47-51) o fator de maior importância na análise do bullying são os danos causados à personalidade do indivíduo, sua vida na escola e a possibilidade de essa pessoa fazer amizades, a sua maneira de perceber ou sentir o ato de bullying sobre si, ou seja, o sentimento de impotência que causa sequelas sobre sua vida. A necessidade de sentir-se o centro das atenções, aceitação pelo grupo e mesmo domínio sobre outras pessoas fazendo uso de coação ou maus tratos para isso tem o nome de Síndrome dos Maus tratos Repetitivos, essa síndrome pode ser a reprodução de maus-tratos recebidos na infância. O autor confirma sobre a visão social que seja consciente ou inconscientemente o bullying é praticado para excluir de um determinado grupo o indivíduo que possui alguma diferença, como não podem excluir todos os diferentes fazem as suas vítimas, essas que na maioria das vezes vão mal na escola, não se interessam pelas aulas, tem baixa autoestima e muitas vezes desenvolvem depressão ou violência, a vítima então não conseguindo reagir ao papel que lhe foi imposto sente-se inferior em várias áreas de sua vida.

Fleischhauer aborda as consequências jurídicas do bullying para a família da criança e adolescente praticante do bullying, citando o artigo 928 do Código Civil a responsabilidade da ação cairá sobre o próprio praticante sem isentar os responsáveis, alegando que os pais têm a conduta de seus filhos por sua responsabilidade e eles são obrigados a disciplina-los para que não venha acontecer comportamento violento mostrando que as consequências do bullying são sérias. (2013, p. 67)

Para Rolim (2008, p. 43-45) as práticas de bullying continuam invisíveis na escola, o que acontece geralmente é a interpretação do bullying como algo de cada indivíduo e muitas vezes são tidos como inofensivas pelos adultos entre outras podemos citar os apelidos.

Os apelidos como se sabe, estabelecem uma nova identidade às pessoas, destacando alguma característica tomada como particularmente significativa. Muito raramente, entretanto, tal escolha seleciona uma virtude. Como regra, apelidos destacam o que imagina ser uma deficiência, ou uma diferença tomada como desvantajosa, ou, desonrosa, ou, simplesmente, feia. Quase sempre, há algo que se projeta como ridículo ou humilhante na identidade atribuída ao apelidado. Assim, se faz “graça” ao se promover um rótulo no qual se deprecia o outro.

Esse problema mostra a diferença de poder entre os alunos, dos quais os mais fortes não permitiram ser apelidados já os mais fracos não possuem força suficiente para resistir mesmo que não gostem, esses apelidos causam sintomas diversos como baixa autoestima, ansiedade, depressão o que os leva a um desinteresse escolar ou em casos extremos o suicídio, o autor cita uma pesquisa de 2004 organizada pelo (Inep/MEC) dizendo que os alunos excluídos tem desempenho menor quando comparados àqueles que não passam pela mesma situação, quando os grupos de alunos se formam é normal que eles definam também quem não poderá fazer parte de seu grupo o que para os que ficam de fora pode se tornar sinônimo de sofrimento, isso também acontece quando falamos de racismo, homofobia, e entre classes sociais, esse comportamento produz vergonha nas vítimas e diz a elas que existe algo de errado com ela e não com as pessoas que a excluíram fazendo muitas vezes com que percam seu respeito e valorização pessoal.

O médico Lopes Neto (2005) citado por Rolim (2008, p.45-46) mostra algumas doenças que podem ter origem nas agressões definidas como bullying.

Enurese noturna, alteração no sono, cefaleia, dor epigástrica, desmaios, vômitos, dores em extremidades, paralisias, hiperventilação, queixas visuais, síndrome do intestino irritável, anorexia, bulimia, isolamento, tentativas de suicídio, irritabilidade, agressividade, ansiedade, perda de memória, histeria, depressão, pânico, relatos de medo, resistência em ir à escola, insegurança por estar na aula, mau rendimento escolar, e atos deliberados de autoagressão.

As vítimas do bullying tem 3 vezes mais chances de ter dores de cabeça e 5 vezes mais de ter insônia, existe também alguns problemas que ainda não estão ligados ao bullying como a gagueira, porém existem estudos que procuram suas relações, e também relacionam a experiência com o bullying comparando ao abuso sexual. Já os agressores são vistos como propensos a práticas mais e mais violentas dizendo que eles podem manifestar a violência de outras formas como a violência sexual por exemplo com proporção de estarem presentes 2 vezes mais em casos de estupro e roubo quando comparados aos que não envolvidos em bullying.

Olhando dessa forma o bullying não pode ser considerado parte da adolescência e sim como sinais de futuros atos de “maior” violência como maus tratos em casa contra as mulheres, abuso sexual, maus tratos a idosos e etc. Fox et al(2003) cita que nos estados unidos 60% dos garotos são autores de bullying entre 6ª e 9ª série e 40% deles serão condenados pelo menos 3 vezes quando chegarem a 24 anos, Martins (2005) citando Olweus diz que os meninos que praticam bullying na Suécia tem 4 vezes mais chances de vir a praticar algum crime do que seus colegas que não se envolvem com bullying. Todos estes estudos colaboram e fornecem provas para haver uma concordância com a “hipótese do ciclo de violência”. (Rolim, p.47-49)

Para Vieira (2009, p. 43) muitas vezes a vítima fica em silêncio pois se sente imponente o sozinho até mesmo por não definir as agressões psicológicas como violência, achando que o seu sofrimento não é verdadeiro ou que merece aquele tipo sofrimento, quando dentro do bullying fica difícil para a criança ou a adolescente sozinho consiga sair, pois o natural deste comportamento é que o processo se reinicie, uma vez que o significado da violência praticada ou recebida foi modificado. Com relação à vítima em alguns casos ela aceita as agressões se sujeitando às provocações como forma de continuar fazendo parte do grupo.

As vítimas de bullying podem desenvolver uma série de características, entre as quais citamos depressão, mudanças de humor, baixa autoestima, distúrbios psicossomáticos e alimentares, ansiedade, agressividade, desconfiança, prejuízos cognitivos, tais como dificuldade de concentração, aversão escolar, baixo rendimento escolar, reduzida capacidade de resolução de problemas, isolamento e solidão, deterioração das relações interpessoais e transtorno por estresse pós-traumático (Guimarães e Rimoli, 2006). Citado por (Vieira 2009, p. 44-45)

3 – Considerações.

O crescimento da violência na escola tem feito aparecer reações contra este comportamento, reações estas que tem gerado um aumento da insegurança dos alunos, professores e profissionais que trabalham na escola, pois estas ações para conter a violência na escola têm cada vez mais a distanciado da comunidade. Assim sendo, o que antes era para proteger a escola e seus alunos da violência que os rodeiam, hoje essas medidas que tentam exercer um controle da escola sobre alunos e sociedade são em sua maioria pouco eficazes ficando insustentável a existência da escola uma vez que a relação entre sua direção, professores e alunos fica comprometida consecutivamente diminuindo a autoestima e motivação destes em cumprir seu papel sendo ele lecionar ou estudar. Marra (2007, p.26).

Segundo Debarbieux e Blaya (2002) citado por Marra (2007) as causas de violência escolar mais apontada na Europa são: família desestruturada, violência doméstica, baixa

perspectiva de desenvolvimento futuro, este que pode acontecer quando a pessoa sofre alguma exclusão social somados ao baixo rendimento na escola, influências de grupos ajudam a fazer com que o indivíduo desacredite nos benefícios de uma sociedade sem violência.

As explicações para a violência nas escolas não são simples e estão ligadas à forma com que a escola aplica seus métodos, sua organização e até ao significado que a escola tem para o aluno. Dentro das escolas têm-se discursos de valorização do coletivo e cidadania e na maioria das vezes ficam só nos discursos pois em uma sociedade totalmente individualista onde cada indivíduo tem sua própria moral e suas regras como pode-se cultivar a cidadania e o coletivo? Sendo assim a violência nas escolas está relacionada à exclusão social e inclusão cultural e fica por responsabilidade da escola perceber e tratar a distância entre ela e a população excluída, preservar a dignidade dos alunos e construir uma relação de respeito. Silva, Paula, Salles e Ferreira (2010, p.65-66).

3.1 – Possíveis soluções.

Neto (2005 p.9) escreve que não adianta mais analisar o desempenho dos alunos apenas pelas notas, porém cada educador deve analisar o aluno, suas habilidades, dificuldades, seu relacionamento social. Cada programa de prevenção de bullying deve entender as escolas com suas particularidades levando em conta a comunidade onde está e os aspectos sociais e culturais de cada uma, os integrantes da escola como pais, alunos, professores diretores e demais funcionários devem estar juntos e envolvidos com estes programas e suas medidas de prevenção com o objetivo de proteger as vítimas e conscientizar os agressores implementando no dia a dia da escola estas ações com grupos de apoio. Entre elas podemos citar teatros para mostrar cenas de bullying mostrando formas de todos ajudarem a prevenir esse tipo de agressão. A escola também deve desenvolver métodos a fim de levar os agressores a outro comportamento, sem punição ou suspensão, atitudes que vão agravar mais o problema.

Fleischhauer concorda com essa abordagem de observar o todo pois diz que na maioria das vezes é comum tratar o bullying como um problema individual sem levar em consideração o contexto social sendo a violência um reflexo desse contexto, levando a criação somente de medidas para que os conflitos não aconteçam. Discordando de uma abordagem do bullying como um processo mecânico de reação à estímulos, a autora relata que não se pode dizer que jogos ou programas de televisão levem à prática do bullying sem, como fora abordado, levar em conta a sociedade e seu contexto. (2013, p.47-48)

Para Sampaio as ações de intervenção e prevenção do bullying devem envolver todo corpo da escola e comunidade que faz parte da escola para que todos contribuam com estas ações inclusive e principalmente da sala de aula. Ações que sensibilizem todos funcionários e comunidade da escola a encontrar maneiras de boa conduta entre colegas, promovendo melhor comunicação entre os professores e as famílias dos alunos. Sobre o recreio, reorganizar as áreas disponíveis equipando-as, e promovendo o uso de equipamentos móveis de jogos somados a uma supervisão efetiva é a pratica mais indicada para diminuir as agressões neste intervalo. (2015, p. 46-47)

De acordo com Silva, (2013, p 6-7) então a saída que se encontra é compreender que faz parte do trabalho do educador tornar o aluno disciplinado e capaz de resolver seus conflitos por meio do diálogo compreendendo o aluno como cidadão e não como um problema. Devemos também lidar com os alunos como pessoas que tem deveres e direitos.

Acreditava-se que os alunos deveriam apenas cumprir seus deveres sendo obrigado a ir as aulas independente de sua personalidade, fazendo seus deveres e jamais respondendo aos seus professores, sendo punidos por conversar com o colega ao lado. Hoje ainda existe professores que sentem saudade dessa época onde o pai levava o filho até a escola dizendo que o professor poderia corrigir seu filho e que ainda fosse informado sobre seu comportamento para que apanhasse em casa. É perceptível que quando comparado essa época e o pós estatuto da criança e do adolescente percebe-se muitas mudanças controversas que são muito mais um produto da ignorância em compreender as crianças e os adolescentes como pessoas de direitos.

Então a saída que se encontra é compreender que faz parte do trabalho do educador tornar o aluno disciplinado e capaz de resolver seus conflitos por meio do diálogo compreendendo o aluno como cidadão e não como um problema. Antigamente o aluno precisava se esforçar para ir até o professor e caso não conseguisse estava sujeito ao fracasso, isso acontecia porque tudo girava em torno do adulto e praticava-se o método tradicional de educação que é: ensino oral, e entendendo a criança como pequeno adulto. Era ensinado que a criança não poderia interferir quando o adulto estava falando e estaria sujeito a castigos se fizesse isso, porem de uns tempos para cá vemos a organização da família em torno das crianças e adolescentes levando-os a serem mandantes no lar e nas escolas. Vemos então a sensação de que a ausência do castigo físico foi o principal motivo de as crianças de hoje estarem com comportamento inadequado.

De início então se houver um aluno praticante do bullying a primeira coisa a se fazer seria colocá-lo em um ambiente com pessoas que possam ser modelos a ser pela criança

seguidos, ou seja, inserindo uma nova personalidade em seu meio no qual o professor tem um senão o principal papel neste processo pois é por meio dele que a criança/adolescente pode recuperar as identificações ao pai(exemplo) que, a princípio, foram falhas e por isso o professor tende a ser um tipo de substituto do pai ou reeducador e poderá ser como um modelo a ser seguido pelo aluno e com isso é esperado que a criança mude seu comportamento pois passara a agir como o seu novo modelo de personalidade. Podemos entender que o fator de se relacionar com o outro com respeito, importância e consideração é uma condição essencial para que o sujeito seja ele criança, adolescente ou adulto passe a levar em consideração as regras e valores da sociedade da qual faz parte, dizendo em poucas palavras é preciso agir como se amassem um aos outros, para que então o aluno venha a enxergar seu professor/educador como uma figura poderosa digna de ser amada, pois não se dá ouvido a quem não se dá importância.

Beaudoin e Taylor em seu livro dizem que as soluções que podemos sugerir ou proibir depende e são influenciadas pela cultura, e as pessoas não conseguem sugerir algo que não esteja dentro de sua cultura, e citam uma história de uma rã que havia engolido toda a água da terra deixando todos os seres vivos sem água. Procurando uma solução para fazer com que a rã devolvesse a água, a solução proposta muitas das vezes foi dar um tiro na rã ou até mesmo furá-la, porém, em outro lugar foi proposto que fizessem a rã rir até soltar a água, provando que por mais bom que a pessoa se julgue a solução proposta por ela depende de sua cultura, e essa tem o poder de limitar as pessoas no processo de encontrar soluções. Os problemas que surgem em uma sociedade são também produtos de seus deveres ou regras como exemplo o bullying geralmente acontece em culturas onde o adolescente precisa mostrar que é forte, bem como a anorexia acontece por causa de uma sociedade cujo discurso valoriza as pessoas magras e os problemas continuam nas culturas capitalistas, machistas, racistas, individualistas e etc., cada cultura cria uma jaula de discursos em volta das pessoas prejudicando sua capacidade de pensar. Trazendo para o ambiente escolar, essas instituições são desenvolvidas nessas estruturas de regras, conquistas, avaliações, punições, o que não há problema uma vez que a sociedade funciona dentro destas estruturas, porém sua aplicação exagerada pressiona alunos que não estão satisfeitos com essa cultura e ficam no estado de pressionadas sendo bloqueadas de expressar suas identidades o que pode contribuir para o bullying, já que estes vão manifestar sua insatisfação contra o sistema (2006, p.21-29).

Para Oliveira (2012, p.78-79) a criança precisa da família como forma de apoio para amadurecer, sentir-se aceito e valorizado, quando for excluído ou for feito de ridículo já que este sofrimento pode trazer atraso no amadurecimento pessoal, sendo a fase da pré-adolescência a fase de mais ocorrência de bullying, é preciso que a criança tenha um ambiente seguro para

poder passar por essa fase uma vez que esse sofrimento pode alterar a visão que a mesma está criando sobre si como adulto. A escola e toda sua equipe têm um papel de importância nesta formação, não somente na acadêmica, mas também da vida social e psicológica da criança e quando a escola ignora e oferece ajuda às vítimas de agressões elas tornam-se participantes nas agressões por que não tendo ajuda a criança vai acreditar que merece as agressões o que favorece à baixa autoestima e a problemas em sua vida adulta, desta forma a escola precisa disponibilizar ajuda a ambos os protagonistas do bullying.

Embora a educação escolar não seja a única responsável pela formação ética dos cidadãos do presente e do futuro, é no ambiente escolar, junto de seus pares e de educadores preparados, que crianças e jovens podem ter ricas oportunidades para aprender valores éticos. É especialmente no convívio escolar que crianças e adolescentes podem ter experiências dignificantes ou experienciar de perto, o preconceito, o fracasso e a exclusão social, com as devidas influências no desenvolvimento de sua personalidade e em sua saúde e qualidade de vida. (2012, p.79)

PINGOELLO (2012, p. 37) em estudo de análise de comportamento para práticas de prevenção ao bullying relata que a família, o ambiente e a escola onde o aluno está, constrói para ele modelos de comportamento e agressividade, e quando este aluno recebe estímulos como injustiça e violência ele pode reagir com o mesmo comportamento, sendo assim o comportamento do outro colabora para a criação de um modelo de comportamento no aluno, a autora ressalta que cada aluno reage a estímulos de forma diferente, esta reação depende da relação que o aluno cria entre ação e reação, ou seja, subconscientemente ele diz, “ se fizer isso comigo eu farei isso”. No contexto do bullying isso significa que se o aluno convive com violência familiar, não passou de ano, foi agressivo com seus colegas e para ele o resultado desse comportamento foi positivo para seus status ou sensação de poder, ele possivelmente voltará à mesma prática pois para ele foi bom e também a vítima que não enfrentou a agressão mas escapou e para ela gerou uma sensação de alívio, possivelmente ela fará o mesmo em situações parecidas.

A partir daí a autora citando Skinner (1998) faz uma relação de reforços positivos e negativos onde em casos como os citados acima os elogios ao aluno podem aumentar a probabilidade de o comportamento ser praticado novamente e as críticas e punições podem funcionar em sentido contrário para que não ocorra novamente porém a punição não é eficiente para inibir um comportamento pois pode fazer com que o aluno poderá fugir da presença de quem está recebendo punição ou poderá ter efeito somente quando a pessoa que efetuou a punição estiver perdendo logo seu efeito quando essa sair de cena. Nas escolas a punição é muito usada para controlar o comportamento dos alunos, como agressão ou se estiverem

atrapalhando as aulas, por isso muitas vezes podemos ver nas escolas o contracontrole que é quando reagindo ao ambiente de repreensão o aluno controla o professor fazendo o professor ficar irritado, estressado e em algumas vezes desistir da profissão. (CODO, 1999) citado por PINGOELLO (2012, p. 38). Um ambiente de coerção não é bom para nenhum dos participantes pois o controlado revolta contra seu controlador, é o que vemos nas escolas onde o professor chama a atenção, pune, manda para a diretoria, chama os pais e logo o aluno volta a se comportar da mesma forma mostrando que essa metodologia de correção precisa de ser revisada, porém normalmente ele é levado a outra autoridade que começam novamente a busca de controlá-lo. PINGOELLO (2012, p. 38-39)

Para PINGOELLO (2012, p. 39) a solução do problema está na busca de conhecer o motivos ou fatores que levaram o aluno a se comportar de determinada maneira, causar algum estrago e produzir alguma consequência, a autora citando Alves e Baptista (2007) explica que para dizer que um comportamento de um aluno é antissocial depende se a criança convive com esse comportamento ou não, por exemplo: se uma criança vive em ambiente de agressão, quando ela agredir algum colega na escola ela está apenas reproduzindo o que para ela é natural. O autoconhecimento para Skinner citado por PINGOELLO é a capacidade de escolher não receber certa consequência pelo comportamento que se quer ou queria ter, então o bullying é repetido pois o aluno não tomou consciência das possíveis consequências de suas ações, sobre isso a autora escreve:

Acreditamos que em um diálogo orientado por meio de procedimentos indutivos podemos verificar se o praticante de bullying adquiriu conhecimento de suas ações quando consegue descrevê-las, consegue relatar quais seriam as consequências provocadas pelo seu comportamento no ambiente que incluem ele próprio e a reação do outro. PINGOELLO (2012, p.40)

PINGOELLO sugere a cultura do conhecimento para ajudar a escola a superar o bullying processo este que pode levantar várias barreiras psicológicas como o medo de sair da zona de conforto e experimentar novas estratégias, as barreiras práticas que vão mostrar falta de recursos da escola bem como a falta de tempo dos responsáveis, as barreiras de normas e poder que tem a ver com crenças e paradigmas com processos inovadores, ou com a necessidade de uso do poder para resolver situações de violência, as escolas precisam de novos pontos de vista para a superação do bullying, precisam deixar os velhos hábitos e desenvolver métodos educativos deixando de lado a punição.(2012, p. 47-49).

Munidos de novas perspectivas e conhecimentos sobre o problema do bullying o professor precisa deixar de assistir e intervir, deixar de se omitir e se responsabilizar pelo ambiente escolar, deixar de negligenciar e passar a conhecer os métodos de proteção dos alunos

que são agredidos e humilhados, deixar de acreditar que o bullying faz parte do crescimento do aluno e entender o contexto do problema da violência que envolve o bullying.

A prevenção se faz com a informação tanto para professores como para alunos, informando-os sobre os conceitos e formas de manifestação do bullying, promoção do entendimento de regras necessárias para a boa convivência social, respeito aos direitos do outro, atitudes proativas, colaborativas e solidárias que podem ser vinculados à atividades escolares e extracurriculares, desenvolvidas em projetos ou eventos, envolvendo os alunos e a comunidade escolar. Passando pelo processo de aquisição de informações novas e reconstrução do conhecimento prévio, o professor estará seguro para transmitir essas informações a seus alunos de forma que esses também consigam assimilá-las e que tenham a capacidade de usá-las na transformação e construção de conceitos novos, capazes de modificar seus comportamentos. PINGOELLO (2012, p.50)

O Agressor precisa ser capaz de ver o que está fazendo, pensar e refletir sobre sua ação, descrever e então tentar mudar seu comportamento, através do diálogo indutivo, onde o professor vai ajudar o aluno no processo de autoconhecimento de seu comportamento e alcançar as mudanças desejadas, o agressor precisa se expressar mais do que o próprio professor durante o diálogo para que ele pense em seus atos, é preciso deixar os sermões de lado pois não ajudam em nada as vítimas.

Na pesquisa de Francisco (2017, p.68) o autor encontrou perseguições nos adolescentes, por serem de uma religião diferente dos demais, por serem muito magros, por terem peso acima da média, por ser pobre e por ser muito aplicados às tarefas escolares, neste ponto é dito que a violência não nasce na prática do ato de agressão, ela vem de um problema maior e as medidas para resolver dependem também de fatos maiores como transformação social e cultural na escola e fora dela. É preciso entender o bullying de forma ampla, como um fenômeno social e cultural e que no ponto de vista “histórico-cultural” além desta compreensão também podemos encontrar a solução do problema.

Assim sendo, o bullying escolar somente poderá ser erradicado se houver uma superação das circunstâncias atuais, geradoras de sua manutenção e propagação. Prosseguindo, a emancipação se faz possível por meio de um processo de tomada de consciência, bem como pela superação das atuais relações sociais, o que reforça a importância que a educação escolar, por meio do conhecimento científico, pode ter nesse processo, sendo que a mesma poderia contribuir para que os estudantes pudessem ter consciência da realidade e auxiliar num processo revolucionário, ao disponibilizar parte do conhecimento científico, artístico, filosófico produzido historicamente pela humanidade. Francisco (2017, p.68)

Finalmente temos que destacar que é importante a formação dos professores para que saibam lidar com a violência escolar e que as instituições que formam esses profissionais tenham em mente a importância da formação prática, para que ao sair das universidades tenham ferramentas para lidar com a violência nas escolas. (Pereira, 2009)

4 – Referências.

ABRAMOVAY Miriam, RUA Maria das Graças **VIOLÊNCIA NAS ESCOLAS**. Disponível em <http://unesdoc.unesco.org/images/0013/001339/133967por.pdf>. Acesso em outubro de 2017

ABRAMOVAY Miriam **ESCOLA E VIOLÊNCIA**. Disponível em <http://unesdoc.unesco.org/images/0012/001287/128717por.pdf>. Acesso em outubro de 2017

ALMEIDA Maria das Graças **A VIOLÊNCIA NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA**. Disponível em <http://ebooks.pucrs.br/edipucrs/violencia.pdf> Acesso em setembro de 2017.

ASSIS Simone Gonçalves, CONSTANTINO Patrícia, AVANCI Joviana Quintes. **IMPACTOS DA VIOLENCIA NA ESCOLA**. Disponível em <http://books.scielo.org/id/szv5t>. Acesso em setembro 2017

AZEREDO Catarina Machado **CARACTERÍSTICAS INDIVIDUAIS E CONSTEXTUAIS ASSOCIADAS AO BULLYING ENTRE ESCOLARES DO BRASIL** Disponível em <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/5/5137/tde-23092015-142247/pt-br.php>. Acesso em novembro de 2017

BARROS Paulo Cesar, CARVALHO João Eloir, PEREIRA Maria Beatriz Ferreira Leite Oliveira. **UM ESTUDO SOBRE BULLYING NO CONTEXTO ESCOLAR**. Disponível em <https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/10169/1/Um%20estudo%20sobre%20o%20bullyingEDUCERE2009.pdf> Acesso em agosto 2017.

BEAUDOIN Marie Nathalie, TAYLOR Maureen **BULLYING E DESRESPEITO: COMO ACABAR COM ESSA CULTURA NA ESCOLA**.

FLEISCHHAUER Claudia Serpa Costa Ribeiro **O BULLYING NA ESCOLA: DETERMINANTES, CONSEQUÊNCIAS E MECANISMOS DE ABORDAGEM E PREVENÇÃO** Disponível em https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=1112167. Acesso em novembro de 2017.

FLORIA Mariana Simões **OLHOS FECHADOS : A PERSPECTIVA DE PAIS SOBRE BULLYING** Disponível em <https://repositorio.ufscar.br/handle/ufscar/6065>. Acesso em novembro de 2017

BORGES Tahiana. **MEMÓRIAS DO BULLYING**.

CANDAU Vera Maria, NASCIMENTO Maria das Graças, LUCINDA Maria da Consolação **ESCOLA E VIOLÊNCIA**.

FREIRE Isabel P, SIMÃO Ana M. Veiga, FERREIRA Ana S **O ESTUDO DA VIOLÊNCIA ENTRE PARES NO 3º CICLO DO ENSINO BÁSICO — UM**

QUESTIONÁRIO AFERIDO PARA A POPULAÇÃO ESCOLAR PORTUGUESA
Disponível em <http://www.redalyc.org/html/374/37419208/>. Acesso em novembro de 17

FRESCHI Elizandra Mottin, FRESCHI Márcio **RELAÇÕES INTERPESSOAIS: A CONSTRUÇÃO DO ESPAÇO ARTESANAL NO AMBIENTE ESCOLAR.**
Disponível em http://www.ideau.com.br/getulio/restrito/upload/revistasartigos/20_1.pdf.
[Acesso em maio 2017](#)

HAUSHAHN, Roberta Cavalheiro **CONCEPÇÕES DE AGRESSIVIDADE NO ÂMBITO DA EDUCAÇÃO INFANTIL** Disponível em
<http://bibliodigital.unijui.edu.br:8080/xmlui/handle/123456789/373>. Acesso em novembro de 2017

HUNTER Nick. **CYBER BULLYING.**

LEAL Cesar Barros, JUNIOR Heitor Piedade **VIOLÊNCIA E VITIMIZAÇÃO: A FACE SOMBRIA DO COTIDIANO**

LEVISKY David Léo. **ADOLESCÊNCIA: PELOS CAMINHOS DA VIOLÊNCIA: A PSICANÁLISE NA PRÁTICA SOCIAL**

MARRA Célia Auxiliadora dos Santos **VIOLÊNCIA ESCOLAR: A PERCEPÇÃO DOS ATORES ESCOLARES E A REPERCUSSÃO NO COTIDIANO DA ESCOLA.**

MORAIS Regis **VIOLÊNCIA E EDUCAÇÃO.**

NETO Aramis A. Lopes **BULLYING COMPORTAMENTO AGRESSIVO ENTRE ESTUDANTES** Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/jped/v81n5s0/v81n5Sa06>
Acesso em novembro de 2017

OLIVEIRA Wanderlei Abadio, SILVA Marta Angélica Iossi, MELLO Flavia Carvalho Malta, PORTO Denise Lopes Porto, YOSHINAGA Andréa Cristina Mariano, MALTA Deborah Carvalho. **CAUSAS DO BULLYING: RESULTADOS DA PESQUISA NACIONAL DE SAÚDE DO ESCOLAR.** Disponível em
http://www.scielo.br/pdf/rlae/2015nahead/pt_0104-1169-rlae-0022-2552.pdf. [Acesso em abril 2017](#)

PEREIRA Maria de Souza. **BULLYING E SUAS IMPLICAÇÕES NO AMBIENTE ESCOLAR.**

RISTUM Marilena **BULLYING ESCOLAR** Disponível em
<http://books.scielo.org/id/szv5t/pdf/assis-9788575413302-06.pdf>. Acesso em abril 2017

SAMPAIO Juliane Messias Cordeiro **BULLYING NO CONTEXTO ESCOLAR: AVALIAÇÃO DE UM PROGRAMA DE INTERVENÇÃO** Disponível em
<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/22/22133/tde-04032016-193910/pt-br.php>.
Acesso em novembro de 2017

SILVA Nelson Pedro. **INDISCIPLINA E BULLYING: SOLUÇÕES AO ALCANCE DE PAIS E PROFESSORES.**

LAMAS Karen Cristina Alves, FREITAS Eduarda Rezende, BARBOSA Altemir José Gonçalves **BULLYING E RELAÇÃO PROFESSOR-ALUNO: PERCEPÇÕES DE ESTUDANTES DO ENSINO FUNDAMENTAL** Disponível em <https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/5631468.pdf>. Acesso em novembro de 2017.

OLIVEIRA Karoline Moraes Rossini **EXPERIÊNCIAS DE ADOLESCENTES COM BULLYING ESCOLAR E ANÁLISE FENOMENOLÓGICA DE SUAS VIVÊNCIAS** Disponível em <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/97466>. Acesso em novembro de 2017.

FRANCISCO Marcos Vinícius, LIBÓRIO Renata Maria Coimbra **UM ESTUDO SOBRE BULLYING ENTRE ESCOLARES DO ENSINO FUNDAMENTAL** Disponível em <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/6731>. Acesso em novembro de 2017

COLL Gabriel Elias Savi **COMPORTAMENTOS VIOLENTOS (FOCO EM BULLYING) E USO DE SUBSTÂNCIAS PSICOATIVAS POR ALUNOS DO ENSINO MÉDIO E FUNDAMENTAL DE BOTUCATU, BRASIL** Disponível em <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/98365>. Acesso em novembro de 2017

SILVA, Ana Beatriz Barbosa **BULLYING MENTES PERIGOSAS NAS ESCOLAS.**

ROLIM Marcos **"BULLYING": O PESADELO DA ESCOLA, UM ESTUDO DE CASO E NOTAS SOBRE O QUE FAZER** Disponível em <http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/14951>. Acesso em novembro de 2017

SILVA Gilene Fernanda **O FENÔMENO BULLYING EM ESCOLARES DO ENSINO FUNDAMENTAL** Disponível em <http://www.athena.biblioteca.unesp.br/exlibris/bd/cathedra/28-05-2015/000829078.pdf>. Acesso em novembro de 2017

SOUZA Maria Laurinda Ribeiro **A VIOLÊNCIA.**

VIANA Nildo **O ALARGAMENTO DA VIOLÊNCIA NAS ESCOLAS E O REGIME DE ACUMULAÇÃO INTEGRAL** Disponível em <https://doaj.org/article/f76c91fddda84861bc0ada738fbd585>. Acesso em novembro de 2017

